



Enock Sacramento

Márcio Pannunzio - Quatro Décadas

MÁRCIO PANNUNZIO
Quatro Décadas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sacramento, Enock
Márcio Pannunzio : quatro décadas / Enock
Sacramento. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. do Autor,
2023.

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-68418-6

1. Artistas plásticos - Brasil - Apreciação crítica 2. Artistas plásticos - Brasil - Biografia
3. Fotógrafos - Brasil - Biografia 4. Pannunzio, Márcio I. Título.

23-154142

CDD-730.92981

Índices para catálogo sistemático:

1. Artistas plásticos brasileiros : Biografia e obra
730.92981

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

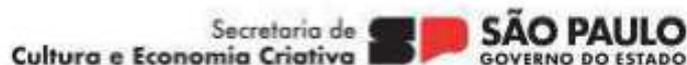
Apoio:



Produção:



Realização:



MÁRCIO PANNUNZIO
Quatro Décadas

Enock Sacramento

Litoral Norte de São Paulo
2023



Márcio Pannunzio. Autorretrato com a Rolleiflex herdada de seu pai, Dino Pannunzio.

Sumário

Introdução	7
Primeiros anos: 1958-1979	9
Década de 1980: a opção pela arte	13
O desenho, a gravura e a pintura	15
Eu e o Pannunzio Depoimento de Maringelli	81
A fotografia	83
Cronologia	101
Bibliografia	119

Introdução

Conhecemos a obra de Márcio Pannunzio no início de sua carreira, em 1982, quando ele concorreu ao 10º Salão de Arte Contemporânea de Santo André. Fazíamos parte da comissão de seleção e premiação, juntamente com Miller de Paiva e Silva e Olney Krüse, e ficamos impressionados com suas obras, aprovando-as imediatamente. Assim, o jovem Pannunzio fez sua primeira aparição pública como artista no Estado de São Paulo, depois de ter iniciado sua trajetória artística no ano anterior, ao participar do 4º Salão Nacional de Artes Plásticas no Rio de Janeiro.

Quarenta anos depois, o destino fez com que fôssemos o curador de sua exposição *Márcio Pannunzio - Quatro décadas*, que documenta seu percurso artístico até o presente momento. Nesse período, ele construiu uma significativa carreira profissional com destaque no âmbito da xilogravura. Como desenhista seguro e pintor experiente, ele aproximou-se mais recentemente da fotografia, capturando uma miríade de cores da vida em movimento em contraste com sua gravura e seu desenho geralmente realizados em preto e branco.

Esta publicação baseia-se em pesquisas realizadas em diversas fontes, mas principalmente em cinco entrevistas que o artista nos concedeu em dezembro de 2022 e em janeiro, fevereiro e março de 2023, cujas respostas constituem parte considerável do texto aqui apresentado.

Este livro não pretende ser um estudo abrangente sobre a vida e obra do artista, mas sim um catálogo ampliado que documenta a mostra *Márcio Pannunzio - Quatro Décadas*, realizada de 2 de fevereiro a 15 de abril de 2023 no Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba, pelo Governo do Estado de São Paulo por meio de sua Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Esperamos que ele aproxime a arte de Márcio Pannunzio do público e seja uma fonte útil para estudos mais aprofundados sobre o artista no futuro.

Primeiros anos: 1958-1979

Márcio Pannunzio nasceu em Casa Branca, capital estadual da Jaboticaba, na região administrativa de Campinas, conhecida como Média Mogiana, localizada a 203 quilômetros, em linha reta, da Capital de São Paulo, no dia 13 de novembro de 1958.

Seu pai, Dino Pannunzio, era empreiteiro de obras. Trabalhou na abertura de estradas até 1962, quando tornou-se proprietário de uma pedreira. Sua mãe, Maria Antônia Andrade Pannunzio, conhecida como Marita, foi dona de casa, proprietária de uma boutique nos anos 1970 e, após a morte do marido, diretora da empresa da família até sua venda, anos depois. Márcio viveu em Casa Branca até os 4 anos de idade, quando se mudou com a família para Sorocaba, cidade dos Pannunzios no Brasil.

Em Sorocaba, o jovem Márcio ingressou, aos 7 anos de idade, na Escola Estadual Antônio Padilha, onde fez o curso primário, e aos 11 anos, na Escola Estadual Dr. Júlio Prestes de Albuquerque (Estadão), onde cursou o ensino médio. No final desse período, Tana Adélia Lopes, sua colega de classe na área de humanidades, começou a namorar com Márcio com quem se casaria em maio de 1989, em uma cerimônia civil realizada no cartório de Ilhabela.

Desde cedo, Márcio manifestou interesse pelas artes visuais, incentivado por alguns familiares, incluindo sua avó materna, Maria Witcosky Andrade, cuja família deixou a Polônia devido à perseguição religiosa emigrando para o Brasil. Maria foi a primeira compradora de uma obra de Márcio. Segundo ele, "Maria gostava de plantas - tinha dedo verde - e tinha uma relação muito bonita com a Branca, filha do primeiro casamento de meu avô Antônio Andrade. Minha avó havia sido babá de Branca após a morte da primeira esposa de meu avô. Eles se apaixonaram e se casaram. A diferença de idade entre eles era muito grande; minha mãe nasceu quando meu avô tinha setenta e dois anos de idade e foi o seu xodó a ponto de ele a ter tornado sua herdeira universal. O testamento foi contestado pelos filhos do primeiro casamento e, na partilha, o menor quinhão ficou para minha avó e minha mãe".

Seu pai, Dino, também estimulou o desenvolvimento das habilidades artísticas de Márcio, comprando publicações sobre história da arte para ele, incluindo a coleção de fascículos "Gênios da Pintura", editada pela Abril Cultural, por meio da qual Márcio tomou conhecimento da vida e obra de grandes mestres da pintura universal. Márcio aproximou-se da arte por meio do desenho, passando em seguida para a pintura. Durante o curso primário, ele venceu um concurso de desenho na escola.

Márcio contou também com o apoio da mãe, Marita, que decorou toda a casa da família com seus quadros, e de sua tia paterna, Adelina Pannunzio, solteira, que o tomou como filho e foi sempre uma grande incentivadora dos seus sonhos. Adelina costumava presenteá-lo com tintas e pincéis de qualidade, alguns adquiridos no exterior. Em troca, Márcio obsequiava-a com suas obras artísticas.

Na infância, que foi vivida em Sorocaba, ele não teve professores específicos de desenho ou pintura. Foi aprendendo sozinho, errando aqui e acertando ali, refletindo sobre o que fazia, corrigindo e fazendo de novo.

Na adolescência, durante dois anos, ele viajava duas vezes por semana para São Paulo, a fim de frequentar aulas na Escola Panamericana de Arte, inicialmente na unidade da Avenida Angélica e, em seguida, na da Rua Conselheiro Brotero. No entanto, essa atividade que, por um lado, era vista como uma aventura, acabou se tornando um aborrecimento para ele com o passar do tempo. Ele confessa que não aprendeu muito mais lá do que com a prática e os exercícios do dia a dia. Uma boa lembrança dessa experiência, no entanto, é a de um professor que classificou sua obra como expressionista e o incentivou a continuar nessa direção.

Além de ter facilidade para desenhar e pintar, Márcio sempre foi muito curioso. Afirma: "Eu desmontava e remontava, além de construir meus próprios brinquedos. Com o passar do tempo, foi crescendo esse gosto de entender o funcionamento das coisas e eu me tornei uma espécie de faz-tudo. Com efeito, sei lidar com eletricidade, hidráulica, marcenaria e pintura; tenho algum conhecimento de mecânica automotiva, consigo montar e desmontar computador, essas operações do dia a dia a que boa parte das pessoas acaba, por desconhecimento ou preguiça, recorrendo ao trabalho de especialistas. No final da adolescência, trabalhei com obra de construção civil e aí aprendi como se constrói direito e com segurança, e peguei gosto nisso. Eu não me formei arquiteto, mas as casas que eu e a Tana construímos em nossa chácara, na ilha, foram feitas graças à minha experiência de construtor durante dois anos em Sorocaba".

Embora tivesse aptidão para se tornar artista, ele nunca tinha pensado seriamente em seguir essa carreira. Márcio alimentava o desejo de se formar em um curso superior,

preferencialmente em Filosofia ou Ciências Sociais. Já a família, mais pragmática, acreditava que melhor lhe conviria a profissão de arquiteto, justamente pelo fato de ter facilidade em desenhar.

Atendendo aos desejos familiares, principalmente aos de seu pai que muito admira e respeita e que havia falecido em 1976, Márcio mudou-se em 1978, aos 19 anos de idade, para São Paulo, com o objetivo de ingressar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), considerada a melhor do Brasil.

Na capital paulista, ele se preparou para o vestibular da recém-criada FUVEST no Cursinho Universitário, localizado em uma travessa da Praça 14 Bis, perto da Avenida Paulista. Foi lá que conheceu Francisco José Maringelli, também vestibulando, que seguiria uma trajetória profissional semelhante à sua no futuro.

Em 1979, tanto Pannunzio quanto Maringelli foram aprovados no vestibular e ingressaram na FAU/USP. Na universidade, conheceram dois colegas de classe, Cláudio Arasaki (hoje *lighting designer* em São Paulo) e Celso Shinzato. Eles se tornaram amigos e, juntos, formaram um quarteto que passou a desenhar, gravar e pintar juntos. Os trabalhos de cada um eram sistematicamente analisados pelos outros e, segundo Márcio, "dessas conversas vinha um grande estímulo para que continuássemos a nos dedicar à arte".

No ano anterior, em São Paulo, Márcio Pannunzio reencontrou sua namorada de Sorocaba, Tana Adélia Lopes, que veio para a Capital estudar Artes Plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), onde tinha aulas de gravura com Evandro Carlos Jardim. Tana, nascida em Pedregulho, depois de residir em Ribeirão Preto, mudou-se com a família para Sorocaba, onde conheceu Márcio no curso ginásial do Estadão, tornando-se namorados no final do curso colegial. Segundo Tana, "Márcio era um aluno muito inteligente, porém muito tímido. Era tido como esquisito porque era antissocial, tinha poucos amigos, não se esforçava para ser popular. Sua inteligência e timidez me atraíram".

Tana o presenteou então com um *kit* de linoleogravura adquirido na Topal, uma empresa especializada em materiais artísticos que fez história em São Paulo. Segundo o artista: "O kit era um pedaço de linóleo, que não era o linóleo verdadeiro, mas uma borracha dessas de sapateiro, algumas goivas chinesas, um rolinho de borracha para entintar e tinta tipográfica. Vinha tudo dentro de uma caixinha e acho, não me lembro bem, que devia ter um manual mostrando como fazer".

O presente foi responsável pela entrada do artista no terreno do gráfico gravado. "Passei a gravar sem parar, incansavelmente. Comprava no Largo de Pinheiros, nas casas de artigos para sapateiros, placas para gravar. Adquiria as goivas na Topal e elas eram as melhores que

eu conhecia. Eu gravava sem desenho prévio. O desenho surgia durante o ato de gravar. A resistência da matéria talvez tenha sido o fator que me encantou. Essa resistência, para ser vencida, demandava uma concentração muito grande no ato de gravar. Esse ato não era uma ação fácil; demandava esforço; era doído; criava calo na mão. A concentração exigida era tamanha que originava um estado mental de paralisação do mundo. Era como se a existência, pelo tempo de gravar, ficasse suspensa. Era uma vivência próxima a um estado de iluminação, quando a mente se aliena do mundo e vivencia o vazio. Um quase nirvana que era algo que me encantou e persegui sentir durante um período da minha adolescência regada a filosofia oriental, com a leitura infatigável dos escritos de Lobsang Rampa". A xilogravura passa a ser o seu *leitmotiv* na arte.

Márcio acredita que a sua maior contribuição para os seus colegas do quarteto da FAU "foi a de lhes mostrar a beleza e a potência da gravura em relevo". Segundo ele, "Cláudio, Celso e Maringelli imediatamente sentiram o mesmo fascínio que eu senti e se puseram a gravar. Maringelli continua atualmente um profícuo gravador, sendo também um desenhista virtuoso e um pintor talentoso. Ele conserva esses dois fazeres paralelamente ao de gravador, os robustecendo apesar de os manter à sombra, expondo preferencialmente, suas gravuras. Cláudio prometia muito como artista. Tenho algumas xilos dele e são magníficas. Porém, ele investiu na carreira de arquiteto, especializando-se em iluminação. Não tenho mais contato com ele. A última vez que nos encontramos - e esse foi um belo reencontro - foi na exposição que fiz com o Maringelli e o gravador porto-riquenho Martin Garcia Riviera na primeira sede do ateliê Piratininga. Celso Shinzato sumiu. Largou a FAU e voltou para Araraquara, sua cidade de origem. Lembro que era um japonês muito cordato que se tornou cada vez mais falante e suas últimas falas eram delirantes. Acho que a vida no Conjunto Residencial da USP (Crusp) deve ter impactado seus valores conservadores e dado um nó na sua cabeça e ela saiu dos trilhos. Infelizmente, nunca mais tive notícias dele e lastimo que ele não tenha insistido na carreira; tinha potencial para se tornar um grande artista. Maringelli segue sendo meu amigo e foi parceiro de várias exposições conjuntas, entre elas: na Mário de Andrade, a *Interiores: linoleogravuras*; no Atelier Piratininga, a *Traço, Trama e Corte*; na *Graphias*, a *Sulcos d'Alma*, todas em São Paulo e a *Pannunzio & Maringelli Gravuras*, na Galeria de Arte da Casa do Brasil, em Madrid, na Espanha. Ainda temos o sonho de fazer uma exposição conjunta na Mário de Andrade comemorando quatro décadas da *Interiores: linoleogravuras*".

Além de trabalhar regularmente com o quarteto da FAU, Márcio torna-se um frequentador habitual da biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, onde teve acesso a excelentes obras sobre a história da arte. Ao contrário de Maringelli e Arasaki, Pannunzio não concluiu o curso de arquitetura e urbanismo na FAU/USP, deixando-o no terceiro ano.

Década de 1980: a opção pela arte

Pannunzio iniciou os anos 1980 como aluno do segundo ano da FAU/USP, época em que começou a questionar sua verdadeira vocação. Ele percebeu que as ciências exatas não eram exatamente sua praia. Embora a arquitetura e o urbanismo agregassem uma dimensão artística que o agradava, nenhum dos dois atendia completamente aos seus anseios pessoais. Por outro lado, a área de humanas, especialmente a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia, o seduziam significativamente. Em 1981, ele se tornou aluno da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), frequentando dois cursos universitários ao mesmo tempo. No entanto, a carga horária dos dois cursos, as coincidências de horário, as múltiplas tarefas escolares e as viagens o deixaram sobrecarregado, abrindo espaço para novas dúvidas sobre sua verdadeira vocação.

Enquanto lidava com esse conflito de ideias, interesses e motivações, Pannunzio descobriu nas artes plásticas uma atividade descompromissada e prazerosa, que encontrava paralelo em seu próprio pensamento. Nesse ano, ele enviou trabalhos de sua autoria para concorrer ao 4º Salão Nacional de Artes Plásticas, que seria realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ). A notícia de que suas obras haviam sido aprovadas pelo júri do salão foi recebida como uma lufada de ar fresco num abafado fim de manhã, e uma luz brilhou no fundo do túnel.

Em 1982, ele abandonou tanto a FAU/USP quanto a FFLCH/USP e retornou a Sorocaba, onde permaneceu por 3 anos trabalhando na empresa da família. Lá, atuou como administrador de uma fábrica de blocos de concreto e posteriormente como gerente de uma obra de construção civil. Como gerente, ele fiscalizava a contratação de mão-de-obra, realizava pagamentos, fazia orçamentos e adquiria os materiais necessários para o bom andamento do serviço, acompanhando o seu desenvolvimento. Paralelamente, ele desenhava e pintava.

Nesse mesmo ano, ele concorreu e foi aceito para participar do 10º Salão de Arte

Contemporânea de Santo André e do 15º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba. Essas participações reforçaram sua vontade de seguir a carreira artística.

No entanto, apesar de não ter se adaptado aos cursos superiores anteriormente iniciados e abandonados, o ambiente da universidade ainda exercia sobre ele um certo fascínio. Assim, fez mais uma tentativa de graduação ao matricular-se na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), onde voltou a ser colega de curso de Maringelli. Sua permanência nessa escola, no entanto, foi efêmera, durando pouco mais de um ano.

Pannunzio então tomou consciência de que a arte seria seu destino, na expressão do russo Vassily Kandinsky. Ele a aceitou como uma missão, um propósito sagrado, acreditando, como afirmava Erich Fromm, que ela seria capaz de iluminá-lo, transformando-o naquilo que ele era potencialmente.

Em 1987, Márcio e Tana adquirem um terreno de 4.500 metros quadrados no Morro do Espinho, no bairro da Cocaia, em Ilhabela, coberto por mata atlântica, com a intenção de lá morar. Casam-se na ilha, em segredo, no dia 13 de maio de 1989. Conta Tana: "O casamento não teve festa, comemoração. Simplesmente fomos ao cartório com roupa de trabalho e nos casamos. Levamos como testemunha o caseiro do vizinho. O pessoal do cartório nem acreditou; estava todo mundo bem-vestido, com roupa de domingo, roupa de festa. Depois do casamento, fomos tomar sorvete com o caseiro". E acrescenta: "Mas não comunicamos nossos familiares. Isto só foi feito três meses depois. Namoramos mais de treze anos. Naquela altura, já ninguém acreditava que nos casaríamos. Foi um espanto para todos e nossas famílias ficaram felizes".

Márcio e Tana Adélia Lopes Pannunzio residem ainda no mesmo local, que conserva praticamente as mesmas características naturais do período quando para lá mudaram. Atualmente, o terreno abriga seis casas, quatro das quais alugadas. A maior delas, erigida num platô sob árvores gigantescas, centenários pés de cedro, é ocupada por eles. Dela se descortina uma magnífica vista do Parque Estadual de Ilhabela.

Ao lado do imóvel, o casal sem filhos estaciona um Gurgel Carajás antigo que pertenceu ao artista plástico paulistano Ayao Okamoto, atualmente cheio de equipamentos extras como pequenos ventiladores, uma verdadeira parafernália também presente na casa grande, que funciona como moradia e ateliê. O Gurgel lhes foi dado por Ayao em permuta por hospedagem que nunca foi reclamada.

O desenho, a gravura e a pintura

Márcio Pannunzio começou a desenhar e pintar desde a infância, mas foi no final dos anos 1970 que sua arte começou a se consolidar como expressão autônoma e independente. Nessa época, ele criou desenhos expressionistas com canetas esferográficas e hidrocores, nos quais figuras humanas se relacionam no espaço cenográfico de uma sala.

Em 1980, ele concorreu e foi selecionado para participar do 4º Salão Nacional de Artes Plásticas, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. No ano seguinte, trabalhos de sua autoria foram apresentados no 10º Salão de Arte Contemporânea de Santo André, na Região Metropolitana de São Paulo, do qual participamos como jurado de seleção e premiação. Esses são os marcos iniciais de uma carreira artística que, após quarenta anos, apresenta como resultado 37 exposições individuais, 5 delas no exterior; participações em numerosas exposições coletivas e em 181 salões, 123 dos quais fora do Brasil, e a conquista de 23 prêmios nacionais e 12 internacionais.

Este livro apresenta as obras que participam da exposição *Márcio Pannunzio - Quatro décadas*, que celebra 40 anos de atividades do desenhista, gravador, pintor e fotógrafo em questão, além de algumas obras selecionadas pela curadoria para destacar aspectos relevantes de sua trajetória artística.

A pintura *A queda*, realizada com tinta acrílica sobre papel de pequeno formato, é a obra mais antiga apresentada nesse livro. Ela é figurativa e referenciada em um suposto desastre aéreo, dominada por uma figura humana aflita em movimento entre edifícios de uma cidade. No fundo negro, que substitui o azul do céu, um avião vermelho cai renunciando uma tragédia. Nas janelas dos edifícios, pessoas testemunham o acidente. Na base direita da obra, seis perfis sisudos parecem estar ali como juizes, para investigar causas, avaliar consequências e determinar punições. Nessa pintura, já se notam elementos embrionários da obra que Márcio Pannunzio desenvolverá no futuro. Trata-se de uma pintura figurativa, factual, carregada de informações e formalmente dinâmica. Com o tempo, esses ingredientes, *mutatis mutandis*, são diversificados, depurados e

concentrados em sua obra plástica. A segunda obra, também de 1982, apresenta as cabeças deformadas de um casal, constituídas por áreas de fortes cores chapadas e contrastantes. Não se trata certamente de simples retratos, mas sim de uma representação que coloca em evidência o interior dos personagens, seus sentimentos, em uma atmosfera impregnada de subjetividade. Trata-se, portanto, de uma obra expressionista, assim como a terceira pintura aqui reproduzida, *Expectação*, e essa característica expressiva se mantém em toda a trajetória de Pannunzio, embora de formas diferentes.

Na década de 1980, o artista começa a produzir séries temáticas. Uma seleção de obras do período integra a exposição e são aqui reproduzidas com o objetivo de explicitar a formação de sua linguagem artística.

A exposição é dividida em duas partes: a primeira inclui desenhos, gravuras e pinturas enquanto a segunda, mostra fotografias, projetadas isoladamente ou em sequência em uma sala especial. Nela foram incluídos dois painéis fotográficos com imagens em mosaico enquanto três imagens avulsas ampliadas estão expostas no corredor do museu.

Márcio Pannunzio – Quatro décadas começa com obras pertencentes à Série de Autorretratos, constituídas por gravuras e desenhos. Na entrada, ao lado do texto curatorial, está uma pequena xilogravura que elegemos como ponto de partida para a análise de sua obra. Trata-se de *O Autorretrato* que inclui entre seus elementos formais uma placa à semelhança de uma matriz xilográfica inversa na qual se lê: *My work changes the world* (Meu trabalho muda o mundo). A citação deixa clara a posição do artista diante da arte e da vida. De fato, a arte de Pannunzio é visceralmente engajada, profundamente comprometida com a justiça social.

Em seguida, a exposição apresenta, em destaque, pinturas que questionam os valores de recente regime político brasileiro, e desenhos e gravuras da Série *O triunfo da morte*. Numa área central, foram dispostos trabalhos pertencentes a outras séries produzidas pelo artista e obras avulsas. E, finalmente, são expostas obras da série dedicada ao amor: *Ars Amandi*. Ao lado esquerdo dessa área, foram colocados trabalhos não recomendados para menores de 18 anos. Finalmente, encerra-se com a sala de fotografias, coloridas como se fossem pinturas, que retratam o povo, a maioria capturada em Ilhabela, cidade onde o artista reside e trabalha, em Caraguatatuba e outras cidades no Litoral Norte de São Paulo.

Depois dos autorretratos, que identificam o artista, a mostra caminha da morte em direção à vida, da guerra em direção à paz, do medo em direção à esperança.

Pannunzio é um artista figurativo e temático, interessado nas grandes questões que

envolvem o homem como indivíduo e membro da sociedade, tais como morte, violência, ciclos da vida, injustiça, poder, soberba, avareza, inveja, luxúria, gula, vaidade, preguiça e outros. Dos pecados capitais, apenas a ira não recebe destaque em sua obra plástica, talvez porque seja ela mais característica do agressor do que da vítima, e porque Márcio vê o mundo sob a perspectiva do oprimido. Sua estratégia para combater esses males é a ironia, a bizarrice, o grotesco e o sarcasmo. Por isso, sua obra pode incomodar, especialmente aqueles que se beneficiam desses artifícios ou comportamentos ou que não têm consciência deles. No entanto, seu grande tema, ao lado da morte, é o amor, que é tão bem retratado na Série Ars Amandi.

Série de Autorretratos

A exposição *Márcio Pannunzio – Quatro Décadas* começa com a Série de Autorretratos. A primeira obra exposta, ao lado do texto curatorial, é *O Autorretrato*, uma pequena xilogravura de topo produzida pelo artista nos anos 2000, resultante de uma matriz de 9,4 x 8,8 cm. A obra, premiada na *Muestra Internacional de Miniprints de Rosario*, Argentina, em 2005, fez parte da exposição individual *Márcio Pannunzio – Xilogravuras*, realizada em 2010 na Caixa Cultural do Rio de Janeiro. No catálogo dessa exposição, foi reproduzida com a cabeça do artista virada para baixo. Transgressor e designer gráfico, Márcio, de quando em vez inverte, por provocação, uma imagem sua no sentido horizontal ou vertical.

Acreditamos que essa xilogravura é uma excelente ponto de partida para a análise da obra complexa e instigante de Pannunzio.

Suas xilogravuras frequentemente incluem palavras ou frases escritas em inglês - devido às suas seguidas participações internacionais - que são, sem dúvida, chave para a compreensão de aspectos importantes de sua obra. Na xilogravura mencionada, lê-se: *My work changes the world*. A afirmação aparece em uma placa em meio a uma profusão de elementos, entre os quais se destacam a figura do artista em seu ateliê ferindo a própria mão com um instrumento de trabalho e duas luzes acesas que remetem à Guernica de Picasso.

A posição da cabeça do autorretratado no catálogo da exposição realizada na Caixa Cultural parece sinalizar a vontade do artista de denunciar a visão distorcida de mundo por parte de determinadas pessoas que não respeitam os valores fundamentais do ser humano. Anne Frank escreveu em seu diário que “o mundo virou de cabeça para baixo”. Por sua vez, Max Weber afirmou que “às vezes, nossa vida é virada de cabeça para baixo, para que possamos aprender a viver de cabeça para cima”. Mais próximo de nós, Raul Seixas cravou esta: “Na cidade de cabeça para baixo, a gente usa o teto como capacho”.

Em sua fala de abertura da mostra em questão, após as palavras do curador que destacou que ele é um artista que coloca sua arte a serviço da transformação do mundo, Márcio disse que “esse trabalho, ser artista, muda o meu mundo. Foi uma forma que encontrei de metabolizar a realidade, de sofrer menos e trabalhar minha indignação”. Ele afirmou que, por isso, segue sendo um artista e é quase certo que continuará assim até o fim de sua existência.

O segundo autorretrato exposto é o desenho *Retrato do artista quando jovem* (pág. 33, *acima*), analisado por João Vergílio Gallerani Cuter, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no texto principal do catálogo da exposição que Pannunzio realizou na Caixa Cultural de São Paulo em 2012, intitulado *A intimidade aprisionada*. Por sua clarividência, transcrevemos a seguir o referido texto.

“A superfície está dividida em dois grandes planos. À esquerda, o ateliê do artista; à direita, separada por uma parede protetora, a cidade que o circunda. O ambiente da cidade é marcado pela repetição. Uma floresta de prédios e chaminés misturados a jukeboxes gigantes marcam um ambiente em que o indivíduo simplesmente desaparece ou então comparece na forma de um item indistinto na multidão. Trata-se, portanto, de uma repetição que traz a marca de uma impessoalidade induzida pela cultura de massas (representada aqui pelos jukeboxes). Curiosamente, o ambiente do ateliê também é marcado pela repetição. Os tacos do chão, os padrões e, acima de tudo, as centenas de autorretratos espalhados pelas paredes parecem estabelecer uma continuidade com o ambiente externo massificado. Mas isso é enganoso.” E continua: “Toda a cena do ateliê é dominada pela figura do artista que se olha no espelho e, mais uma vez, se põe a desenhar o próprio rosto, que lhe dirige um ‘bom dia’. É isso que tem feito sua vida toda, aparentemente, reproduzir-se em figuras diversas, que vão formando um entorno próprio definindo sua atividade e seu ambiente de trabalho. É por esse exercício obsessivo que o trabalho do artista enquanto jovem se define. A repetição do próprio rosto, no entanto, não aponta para uma falta de personalidade, como acontece com a repetição das janelas, chaminés e jukeboxes. Pelo contrário, aponta para uma exacerbação da personalidade do artista, que se repõe (metaforicamente) em cada uma das obras que produz. É sempre ele (ser humano único, irrepitível) que está presente em tudo que faz, dando o sentido último e profundo de cada obra – sentido que o observador externo é convidado a procurar, mas com o qual não pode pretender coincidir. É esse, portanto, o sentido desse muro sólido, indestrutível, que separa o ateliê do artista do mundo exterior. É esse o sentido da ausência de passagens de um ambiente para o outro – a janela e a porta trancadas, com a prancheta pesadamente encostada a esta última. Dentro do mundo do artista, tudo é único, pessoal e, no limite, intransferível. Lá fora, o mundo é padronizado, impessoal, feito para ser de todos e de ninguém ao mesmo tempo”. E conclui: “É dessa oposição entre o universo íntimo com seus dramas solitários, e um universo público marcado pela

massificação que trata a obra de Márcio Pannunzio, ora enfatizando um dos polos, ora o outro”.

Para Márcio, “O artista que se retrata mergulha em profundidade em sua essência e, ao fazê-lo, transcende a si próprio e colabora para construir um retrato que é o do ser humano, vívido na sua complexidade. O autorretrato transpira paixões ancestrais e transpira a agonia de existir. O expectador que se depara com o autorretrato de um artista, ao se entregar a enxergá-lo, acaba por enxergar a si próprio pois toda obra de autorretrato, muito mais que retratar o artista, retrata a sua humanidade, da qual todos comungamos; ela é a maneira primeva da construção da nossa identidade única”. E prossegue: “Visitei o tema no percurso da minha carreira e continuarei a visitá-lo enquanto viver. Assim, há retratos feitos em desenho, pintura, gravura de Pannunzio cabeludo, jovem e cheio de energia ao lado de Pannunzios que gradativamente envelhecem, se entristecem e se revoltam com a vida e com o mundo. Essa sucessão de imagens constrói uma narrativa linear do desenvolvimento da minha existência. Esse desenvolvimento não significa progresso, mas o envelhecimento que não traz, necessariamente, sabedoria. No meu caso pessoal, a par da inevitável, incontrolável degradação do corpo que entrava, perde sua força, perde a beleza papagaiada por essa publicidade onipresente que valoriza apenas a juventude, o que meus retratos atuais exibem é a perplexidade de existir, a inconformidade de vivermos sem conseguir verdadeiramente entender a razão de existirmos ao mesmo tempo em que a proximidade cada vez mais palpável da morte nos grita que em breve tudo dentro desse nosso riquíssimo universo de lembranças e sensações falecerá junto conosco num apagamento perpétuo”.

Em algumas obras, o artista se autorretrata em frente ao espelho e a imagem exclama: *Good morning, darling* (Bom dia, querido). Questionado sobre o quê o cumprimento significa, ele responde: “Aqui Darling é usado com ironia. Vem como uma leve provocação do espelho, se apropriando duma intimidade que o artista, que se olha do lado de fora, não lhe concedeu. De certa forma, é como se o espelho, com vida própria, tripudiasse do artista que tenta se enxergar através dele. O espelho chama esse artista que o perscruta de querido dum jeito que, mais do que transmitir qualquer ternura, quer sim é molestar, fazer troça desse rosto cujos olhos tentam se focar numa imagem invertida de si que por ser outra, o seu lado inverso, jamais será a sua expressão real. Essa experiência de se olhar num espelho que estampa em sua face *Good morning, darling* para se retratar num papel ou numa matriz de gravura é bizarra por nos contar que, no final das contas, esse esforço todo é um esforço inútil porque jamais será possível nos autorretratarmos realmente. Frente ao espelho, estamos fadados a olhar o nosso inverso. Uma das mágicas da gravura, que contribuiu para que eu me apaixonasse por ela, é ter percebido que ao gravar, gravamos sempre a face de um mundo invertido”.

Em outros trabalhos, aparece a expressão *Nice to meet you* (Prazer em conhecê-lo /

conhecê-la), às vezes acrescida do cumprimento mencionado anteriormente: *Good morning, darling*. Ele explica: “Ela pode ser interpretada ao pé da letra: prazer em conhecê-lo, prazer em conhecê-la, que se dirige diretamente ao expectador que, diligente, para em frente ao quadrinho e faz seu olhar penetrá-lo no desejo de decifrá-lo. Nesse nosso mundo contaminado, adoecido pela propagação retumbante, estúpida, massacrante da imagem, as pessoas não enxergam mais. Caminham pelas ruas, caminham pelo mundo feito zumbis de si mesmas passando pela vida sem vivê-la. Então se uma delas, gentilmente, para e olha minha obra tão pequena, eu quero mais é felicitá-la, parabenizá-la por a ver; quero cumprimentá-la e expressar meu prazer dentro da gravurinha de, por um breve instante, a ter a encontrado e conhecido”.

Série Política

Toda a obra de Márcio Pannunzio é, certamente, política. Todavia, parodiando George Orwell, diria que algumas são mais políticas do que outras pelo menos no sentido de serem mais próximas e atuais. É o caso, por exemplo, da pintura intitulada *Précis de décomposition* (Breviário da decomposição), de 2021, que foi incluída no início da exposição. A obra refere-se a um político brasileiro que, há poucos anos, reverenciou um torturador ao votar pelo *impeachment* de uma presidente democraticamente eleita para o cargo. Na pintura, a figura central, cercada por asseclas nas partes mediana e superior, e por caveiras na inferior, aparece com um chapéu, *à la manière* de Napoleão, com a inscrição *Ustra vive*. Ustra foi o ex-chefe do DOI-CODI em São Paulo, primeiro condenado pela Justiça Brasileira, em 2008, pela prática da tortura durante o regime ditatorial instaurado no país em 1964.

Na sequência, foram colocadas duas outras obras visceralmente políticas, as maiores da exposição. A primeira é *A consagração da mediocridade*, de 2019, que recria uma equipe governamental que lembra as figuras fantasmagóricas de um famoso *thriller* de Michael Jackson, cercada por palavras tais como injustiça, caos, perseguição, desigualdade, intolerância, morte. A seguinte é *O sonho da razão produz monstros*, inspirada na gravura da série *Caprichos* (*El sueño de la razon produce monstruos*), criada por Francisco Goya, em 1799. Na visão do artista, essa obra conserva sua atualidade no ano em que foi produzida, 2019, sobretudo no sentido da interpretação de que *sueño* em espanhol significa não apenas sonho, mas também sono, o que remete à ideia de razão adormecida.

A Série Política inclui ainda trabalhos de enfoque mais genérico, intitulados *A política é a arte do possível*, por meio dos quais o artista faz uma severa crítica aos políticos em geral. Ele apresenta-os muito distantes do verdadeiro papel que deveriam desempenhar em favor do bem comum, mas como seguidores do preceito de Maquiavel de que “Mais

importante do que ser é parecer ser". Trata-se de versões nuas e cruas da percepção que o artista tem da maioria deles. A exposição inclui duas gravuras dessa subsérie: uma xilografia de topo e uma calcografia em cobre, buril e ponta seca, ambas muito características da linguagem plástica desenvolvida pelo artista. Também se enquadram aqui *O triunfo da ignomínia*, vários desenhos digitais reunidos em torno de uma figura central e obras que apresentam, isoladamente, imagens desse conjunto pertencente à subsérie Disparate.

A mostra exhibe ainda a calcografia *Desastres da Guerra*, de 2021, que, mais uma vez, remete a Goya, criador de uma série de 82 gravuras sobre o tema, referenciadas na Guerra da Independência Espanhola (1808-1814), na qual o protagonismo fica com as vítimas.

Série O triunfo da morte

"Morte, a suprema solidão", nas palavras de Unamuno, é o tema da série seguinte da exposição de Pannunzio no Museu de Arte e Cultura e Caraguatatuba. A coleção é composta por uma impactante seleção de 12 obras, incluindo 6 desenhos (quatro a lápis e dois a tinta nanquim), 4 xilogravuras e 2 técnicas mistas.

A pandemia do coronavírus que assolou o Brasil a partir de março de 2020 escancarou a atualidade do tema da dança da morte, que foi colocado em evidência em 1485, no final da Idade Média e início do Renascimento, com a publicação do poema *La Dance Macabre*, de Guyot Marchand, ilustrado com xilogravuras inspiradas num grande afresco pintado no Cemitério dos Santos Inocentes, em Paris. A publicação inaugurou um gênero alegórico que perpassou várias outras modalidades artísticas nos séculos seguintes, incluindo a música e o cinema.

No poema, lê-se que "a morte não poupa pequenos nem grandes" e "não há ninguém a quem ela não conquiste". Nas ilustrações xilográficas, esqueletos dançam com reis, nobres, clérigos, cavaleiros e camponeses. É impressionante notar como o mundo se transforma, mas o homem permanece o mesmo em seus aspectos fundamentais. O texto continua: "Você deve morrer como os outros. Você não pode fazer nada a respeito". E, na voz do médico: "Já não sei o que fazer: nenhuma erva ou raiz é boa".

O afresco do cemitério parisiense e o livro *A Dança Macabra* refletem um período de grandes sacrifícios impostos ao continente europeu, sobretudo por uma guerra que durou cem anos, pela fome e pela peste negra, que ceifou a vida de um terço de sua população em seis anos (1347 a 1353). O impacto foi de tal ordem que, nos séculos seguintes, representações artísticas do tema tornaram-se recorrentes em espaços externos e

internos de cemitérios, igrejas, claustros e, mais recentemente, na mídia.

A atualidade do tema permanece, especialmente no Brasil, onde a pandemia do Covid-19 ceifou cerca de 700 mil vidas em parte devido a comportamentos erráticos de lideranças políticas, de seus apoiadores e à ignorância de alguns.

A dança macabra, na forma e no conteúdo, tem a ver com quatro xilogravuras de Márcio Pannunzio que participam da exposição. Elas foram produzidas no início da década de 1990 e estão reproduzidas às páginas 42 e 43. Com elas, o artista conquistou o 3º prêmio em um dos mais importantes salões de xilogravura do mundo, o Xylon 12 - International Triennial Exhibition of Artistic Relief Painting, realizado em 1994 no Gewerbemuseum de Winterthur, na Suíça, com itinerância no mesmo ano em St. Louis (Alsácia), França; Erfurt, Alemanha e Gênova, Itália; e, nos dois anos seguintes, novamente na Suíça (Bulle, Museu Gruérien), na Bélgica, Canadá, Suécia e República Checa.

Nas obras de Pannunzio, os indivíduos morrem solitários, o que nos faz lembrar, novamente, Unamuno quando ele afirma, em seu livro *O sentimento trágico da vida*, que "Nós homens vivemos juntos, porém cada um morre sozinho e a morte é a suprema solidão".

Série Tristes trópicos

A série Tristes Trópicos, cujo nome foi inspirado em um dos mais importantes livros de não ficção editados no mundo no século XX, de autoria de Claude-Lévi Strauss, foi realizada utilizando a técnica da xilografia.

Embora os termos *xilografia* e *xilogravura* sejam considerados sinônimos na prática, a Grande Enciclopédia Larousse estabelece uma diferença entre eles. De acordo com os editores dessa enciclopédia, xilografia seria "a técnica de impressão que consiste em entalhar uma chapa de madeira com goiva, formão, faca ou buril, formando um desenho. A matriz é tintada com um rolo de borracha que só toca onde a madeira não foi desbastada. A tinta passa para o papel por pressão; os brancos da gravura correspondem aos sulcos". Já a xilogravura seria "a gravura obtida pelo processo da xilografia".

Márcio começou a se interessar pela técnica de gravação em relevo em 1978, quando ganhou de Tana um kit de gravação em linóleo. No ano seguinte, ampliou seus conhecimentos sobre a técnica na biblioteca da FAU/USP. Na época, ele já possuía considerável experiência com gravuras em paviflex ou micro duro, material semelhante ao linóleo, e participou, como aluno ouvinte, de aulas do gravador Evandro Carlos Jardim na ECA/USP. Com ele aprendeu rudimentos sobre gravura em metal, tais como preparar uma placa de cobre; como gravar sem o uso de ácido, usando chapas riscadas com buril e ponta seca; e como imprimir. Na única vez em que conseguiu mostrar seu trabalho

prático a Jardim, ouviu dele o conselho de trabalhar com a técnica da xilografia de topo. A partir de 1986, com a criação do Horto Florestal na Zona Norte da cidade de São Paulo, Márcio passou a visitá-lo com frequência e acabou se tornando amigo do chefe da marcenaria, que lhe presenteou com dezenas de amostras de madeiras brasileiras. No Horto, ele comprou muitos discos de guatambu, uma madeira de textura fina, resistente, dura, mas de talhe macio que, depois de lixados e eventualmente recortados, transformaram-se em matrizes de suas gravuras de topo. Márcio comprou tantos discos que ainda tem atualmente um estoque considerável deles. Além dos discos, ele adquiriu ainda mudas de guatambu e as plantou na chácara onde reside e trabalha, em Ilhabela.

A xilogravura é uma técnica de gravura artística que utiliza matrizes de madeira. Existem dois tipos de xilogravura: a de topo e a de fio. Na xilogravura de topo, a madeira é cortada transversalmente ao tronco, enquanto na de fio, o corte é feito longitudinalmente, o que resulta em xilogravuras com formas mais arredondadas e fibras de madeira visíveis, respectivamente. Embora Márcio tenha trabalhado com ambos os tipos, sua preferência sempre foi pela xilografia de topo.

Foi na década de 1990 que o artista produziu algumas de suas xilogravuras mais emblemáticas em seu ateliê na ilha, conhecidas como a Série Tristes Trópicos, que lhe rendeu vários prêmios no Brasil e no exterior. Muitas dessas obras foram criadas durante o mandato presidencial de Fernando Collor de Mello (1990-1992) e, de certa forma, representam uma resposta às práticas corruptas do político, que foi eleito prometendo acabar com a corrupção no Brasil, mas acabou envolvido em escândalo de corrupção que resultou no seu *impeachment*. Embora a série seja motivada por questões nacionais, ela aborda temas de interesse global, como a soberba, a avareza, a inveja, a luxúria, a gula, a preguiça, bem como variantes modernas e contemporâneas desses pecados, como a corrupção e o consumismo. Na série, Márcio faz uma crítica feroz, mas com certo humor, ao comportamento de certas pessoas em circunstâncias grotescas que, às vezes, chegam às raias do delírio e da alucinação. É o caso, por exemplo, de trabalhos intitulados ... *a ânsia de amar a ânsia* ... ou *A fome da fome*, que apresentam uma intensidade forte e incorporam elementos metalinguísticos.

Muitas das xilogravuras dessa série são obras maduras de criação artística, em que forma e conteúdo estão em perfeito equilíbrio.

Márcio continuou criando xilos nos anos 2000, mas reduziu sua produção na década seguinte. Explica: "Se hoje gravo menos é por respeito à minha saúde. Meu pescoço e minhas articulações estalam e doem por causa do tempo em que as machuquei fazendo gravura. Já não tenho o mesmo vigor e como pretendo continuar sendo artista, preciso respeitar minhas limitações físicas e pegar um pouco mais leve".

Série Ars Amandi

Ars amandi, *Ars amatoria* ou A arte de amar, remete imediatamente à obra clássica do poeta romano Ovídio, escrito no liminar da era cristã, que trata da conquista amorosa tanto por homens quanto mulheres. Esse livro inspirou, doze séculos mais tarde, a publicação surpreendente de um outro – *De amore* – escrito por um clérigo conhecido como André, o Capelão, no qual é defendida a tese de que o erotismo tem suas raízes na imaginação. Esta teoria foi amplamente defendida por outros intelectuais, como Dante, Stendhal, La Rochefoucauld além de pensadores mais contemporâneos, como o mexicano Octávio Paz que afirmou ser a imaginação o agente que move tanto o ato erótico quanto o poético. Roland Barthes em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977), aprofunda a abordagem do tema ao escrever que “a linguagem é uma pele: fricciono minha linguagem contra o outro. Como se eu tivesse palavras à guisa de dedos, ou dedos na ponta de minhas palavras. Minha linguagem treme de desejo. A comoção vem de um duplo contato: de um lado, toda uma atividade de discurso vem realçar discretamente, indiretamente, um significado único, que é *eu te desejo*, e libera-o, alimenta-o, ramifica-o, fá-lo explodir (a linguagem goza ao tocar a si mesma); de um lado, envolvo o outro em minhas palavras, acaricio-o, roço-o, cultivo este roçar, nada poupo para fazer durar o comentário ao qual submeto a relação”.

A série *Ars Amandi*, produzida por Márcio Pannunzio em desenhos, gravuras e pinturas tem como elemento referencial um casal que remete a Adão e Eva no Paraíso, de acordo com a iconografia clássica, mas também a ele próprio e sua mulher Tana. Com essas obras, que incorporam inocência e humor, o artista pretende mostrar que a relação amorosa entre seres humanos é extremamente subjetiva e pessoal e que Barthes está certo quando afirma que os amantes podem dizer com segurança: “Só eu sinto o que eu sinto, da forma como sinto”. E que o amor não está atrelado a um sistema estruturante, pois “é fluxo contínuo que não se contém ou não se fecha em si mesmo”.

Para Márcio, “*Ars Amandi* é uma série antiga, da década de oitenta e seu dado interessante é o de ser um contraponto a duas outras séries importantes: o triunfo da morte e tristes trópicos. Essas duas tem uma carga negativa muito grande e são depressivas. O triunfo na morte se inspirou nas xilos medievais da *Ars Moriendi* e Tristes trópicos registra a realidade distópica duma república bananeira, a Bruzunganda de Lima Barreto. Um Brasil que anda anda anda e não avança na superação da injustiça e da desigualdade.

Ars Amandi é leve, amorosa, com um desenho bizantino, chapado, construído na intenção de simplificar a composição tornando-a facilmente inteligível. É um trabalho de celebração do amor, do companheirismo a serviço de construir uma conjunção de almas que transforme a experiência de viver numa história feliz. Os casais estão sempre nus num local ao ar livre com poucos elementos constitutivos; em geral, uma árvore e

vegetação rasteira. É assim porque o foco é sempre o abraço que é um abraço terno, carinhoso, amoroso. Esse encontro não tem erotismo. A sexualidade passa longe dessas figuras singelas, sem qualquer consciência de que a sua nudez possa ser vista como pecaminosa”. E finaliza: “Em alguns desses quadros, o homem toca o seio ou aperta o mamilo da mulher. Essa atitude simboliza a maternidade rememorando uma pintura famosa exposta no Louvre, o Retrato presumido de Gabrielle d’Estrées e sua irmã, a Duquesa de Villars, de autor desconhecido, de 1594. Esses quadros, pois, além de comemorarem a comunhão do casal, festejam a concepção de um novo ser, fruto da sua união. O cenário, embora figurativamente pobre, remete a ideia dum Éden livre do pecado, onde o amor e a felicidade tinham lugar. Dentro da minha obra carregada de mágoa e revolta, esses trabalhos marcaram diferença pois acreditam e registram a possibilidade duma vida bem-aventurada, fruto do respeito e do amor ao outro”.

Poder-se-ia agrupar obras do artista em outras séries, todavia, atemo-nos, nesse estudo breve, apenas às que nos pareceram mais evidentes. Algumas obras apresentam características que permitem enquadrá-las em mais de um grupo temático. A reunião das obras em séries tem, nesse trabalho, apenas um sentido didático, para facilitar o leitor a tráfegar melhor no universo artístico de Márcio Pannunzio.

Década de 1980



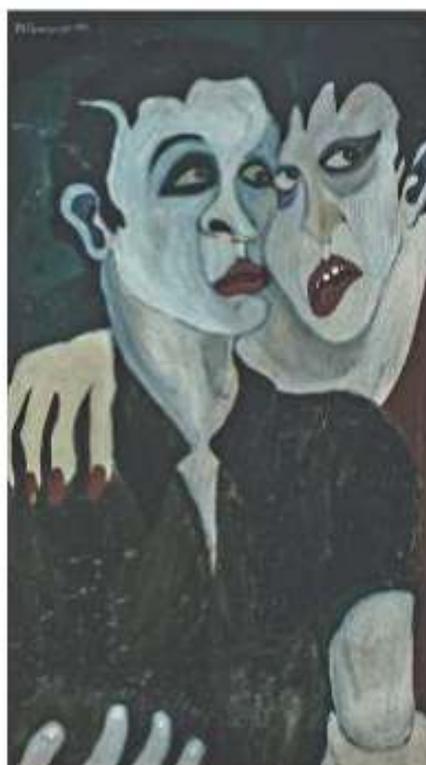
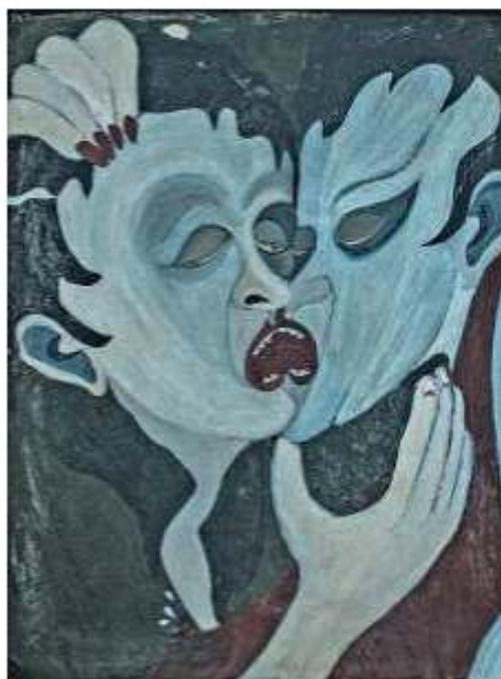
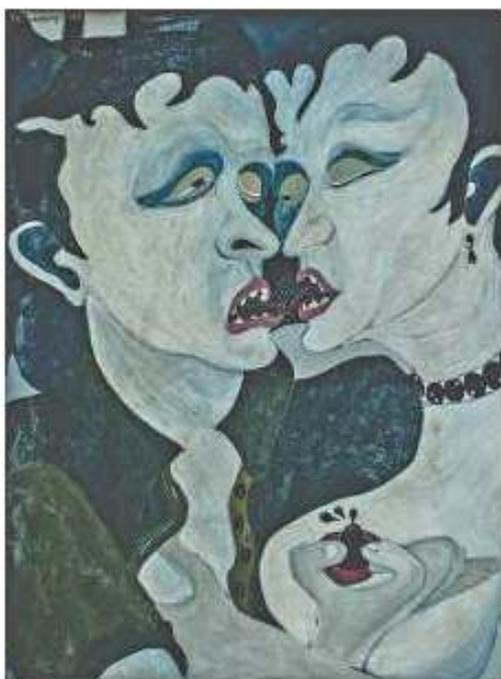
A queda, acrílica sobre papel, 34 x 23,5 cm, 1982
Conversação, acrílica sobre papel, 34 x 23,5 cm, 1982
Expectação, acrílica sobre papel, 32,5 x 40,5 cm, 1982
(De cima para baixo, da esquerda para a direita)



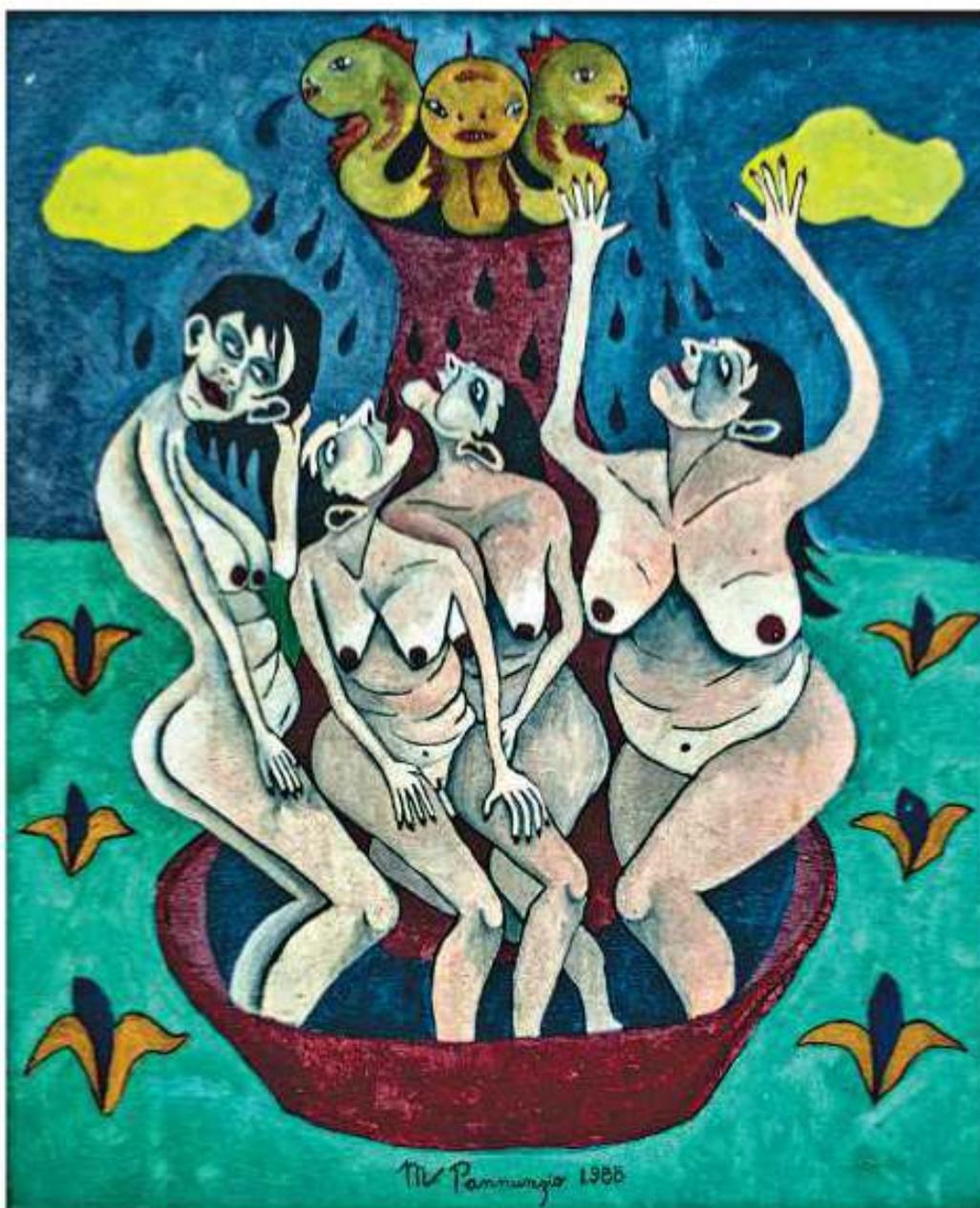
Mulher pelada 1, acrílica sobre papel, 68,5 x 49 cm, 1985

Mulher pelada 2, acrílica sobre papel, 69 x 49 cm, 1985

O casal, acrílica sobre cartão, 32,5 x 40,5 cm, 1982



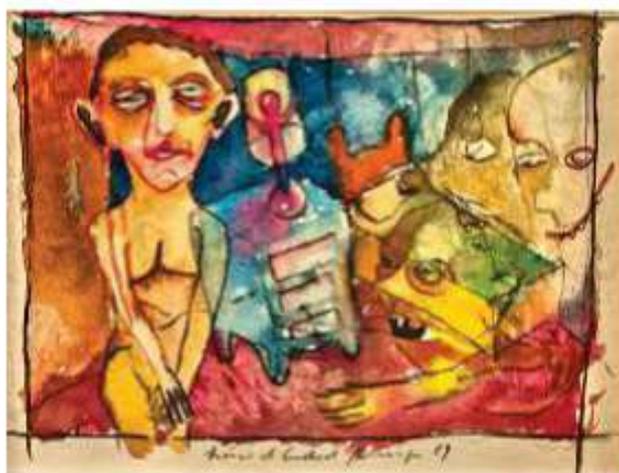
Sede de amar 1, acrílica sobre papel, 38 x 29 cm, 1985
Sede de amar 2, acrílica sobre papel, 38,5 x 29 cm, 1985
Sede de amar 3, acrílica sobre papel, 94 x 69 cm, 1985
Intriga, acrílica sobre papel, 44 x 25 cm, 1985



A fonte da juventude, acrílica sobre tela, 45 x 27 cm, 1988



Sede de amar, desenho a lápis, 22 x 32 cm, 1987
O futuro a Deus pertence, calcogravura em cobre, buril e
ponta seca, p.e., 8,6 x 6,9 cm, 1988

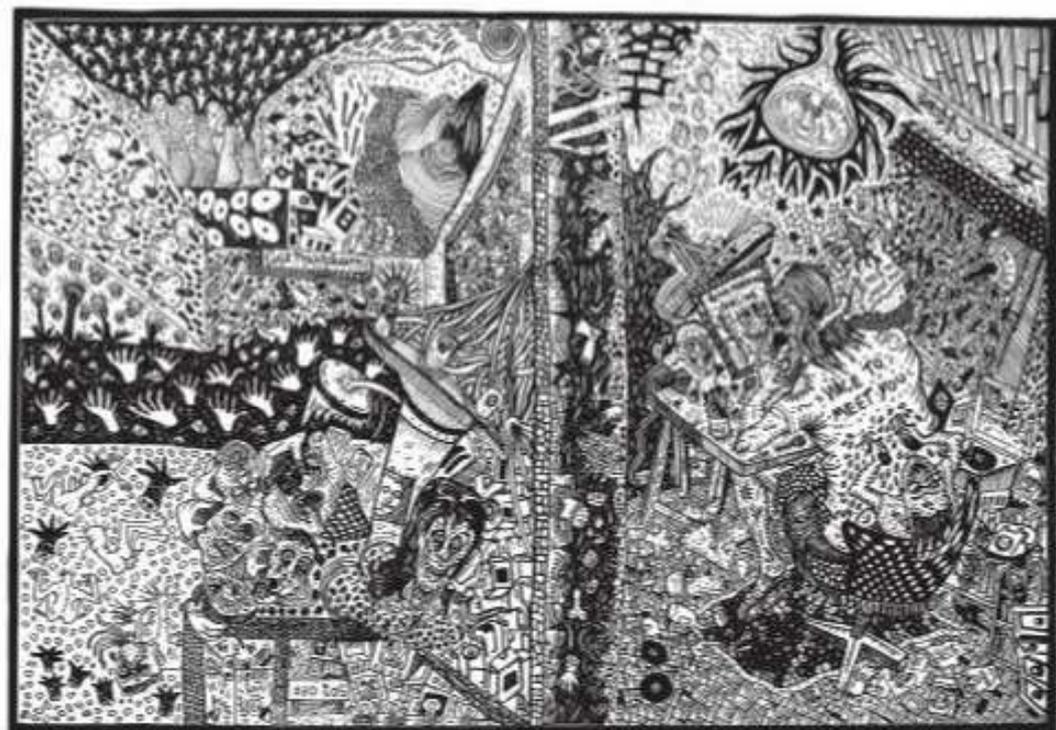
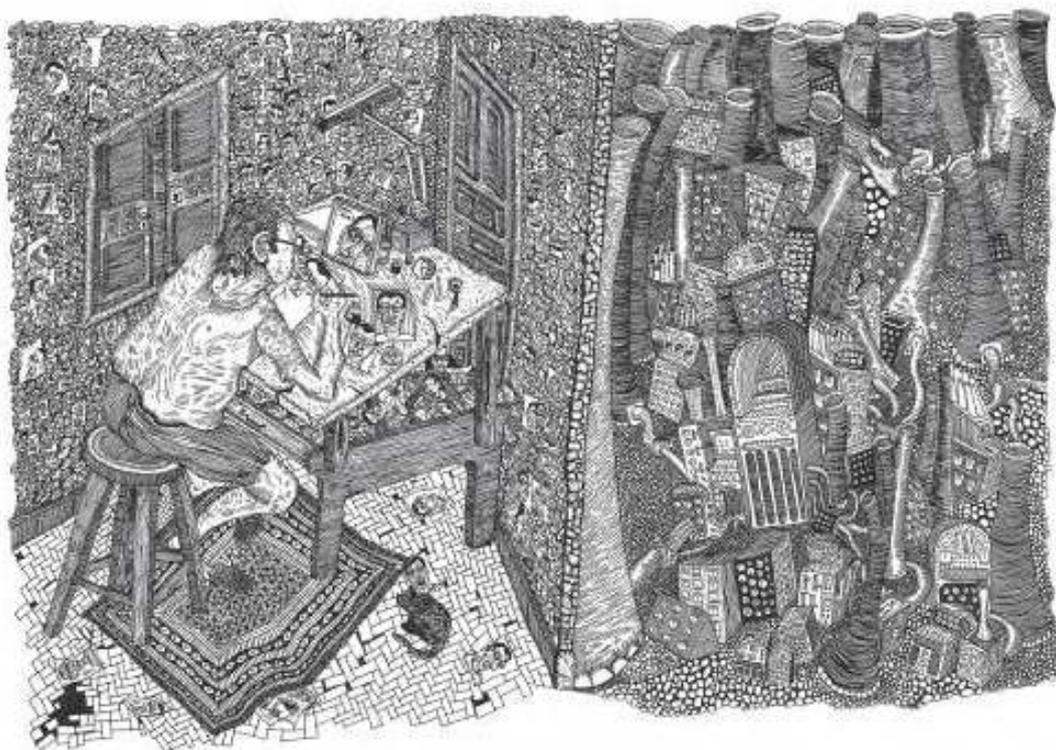


O sonho, aquarela, 14 x 20 cm, 1989
Litígio, aquarela, 19,5 x 18,5 cm, 1989

Série Autorretratos



O autorretrato, xilogravura de topo, 9,4 x 8,8 cm, déc. 2000
A idade da razão, xilogravura de topo, 13 x 8,2 cm, dec. 2010



Retrato do artista quando jovem, desenho a nanquim, impressão digital, 25 x 40 cm, déc. 1980

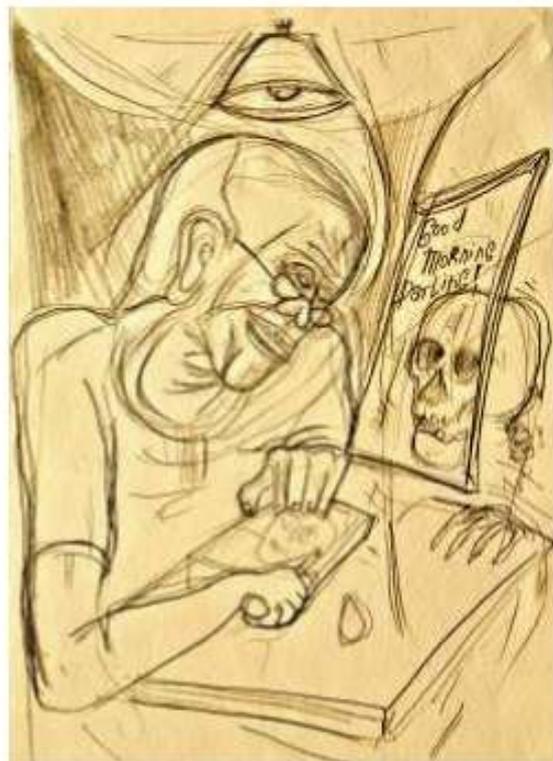
Retrato do artista quando jovem, linoleogravura, 42 x 63 cm, 2005



A idade da razão, xilogravura de topo, 19 x 17 cm, déc. 2000

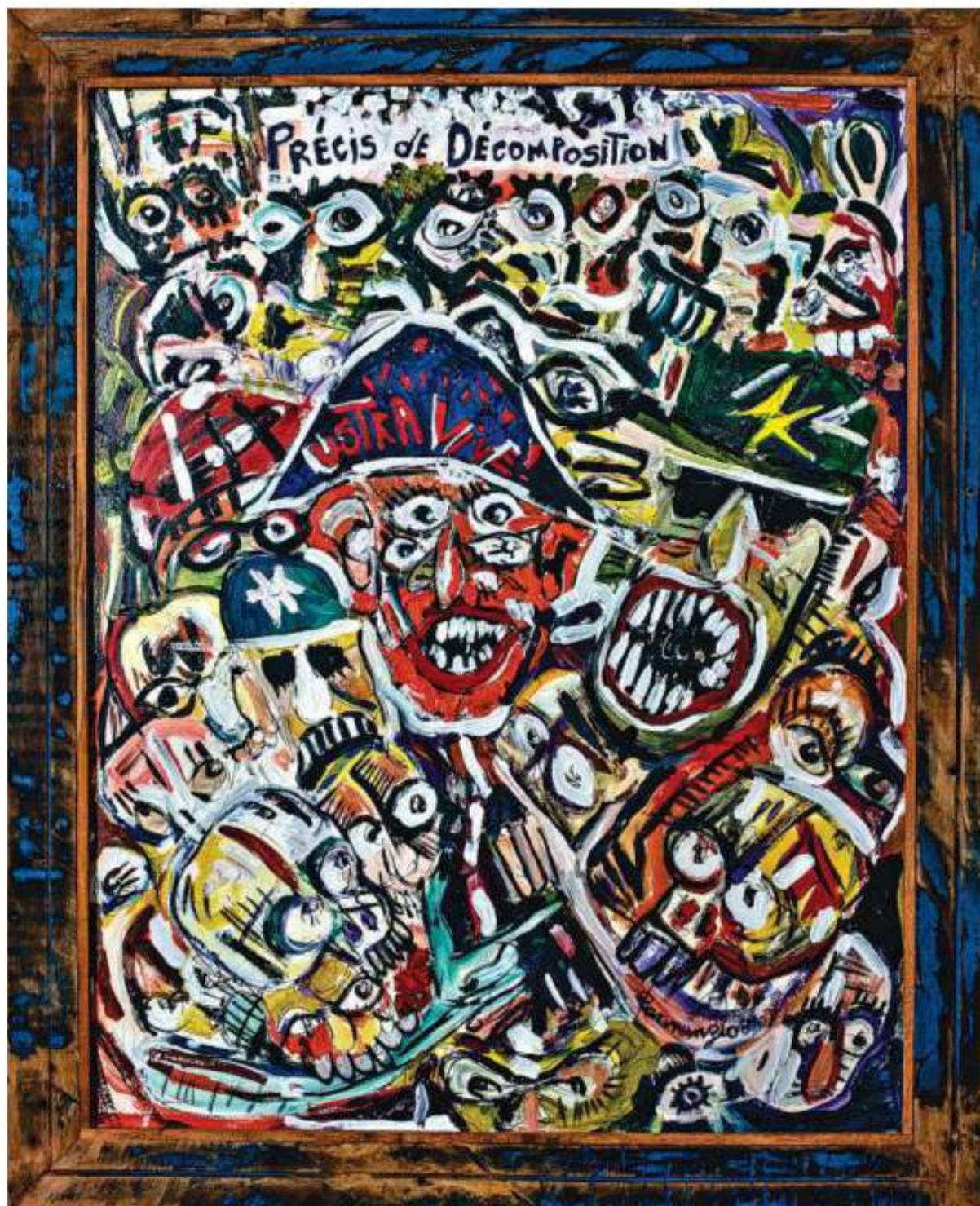


A idade da razão, gravura em acrílico, buril e ponta seca, 37,5 x 24,5 cm, déc. 2010



A idade da razão, desenho a lápis, 29,3 x 21,2 cm, déc. 2010

Série Política



Breviário da decomposição, acrílica sobre papel, 82,5 x 63,5 cm, 2021



A consagração da mediocridade, técnica mista sobre papel, 96,5 x 126,5 cm, 2019



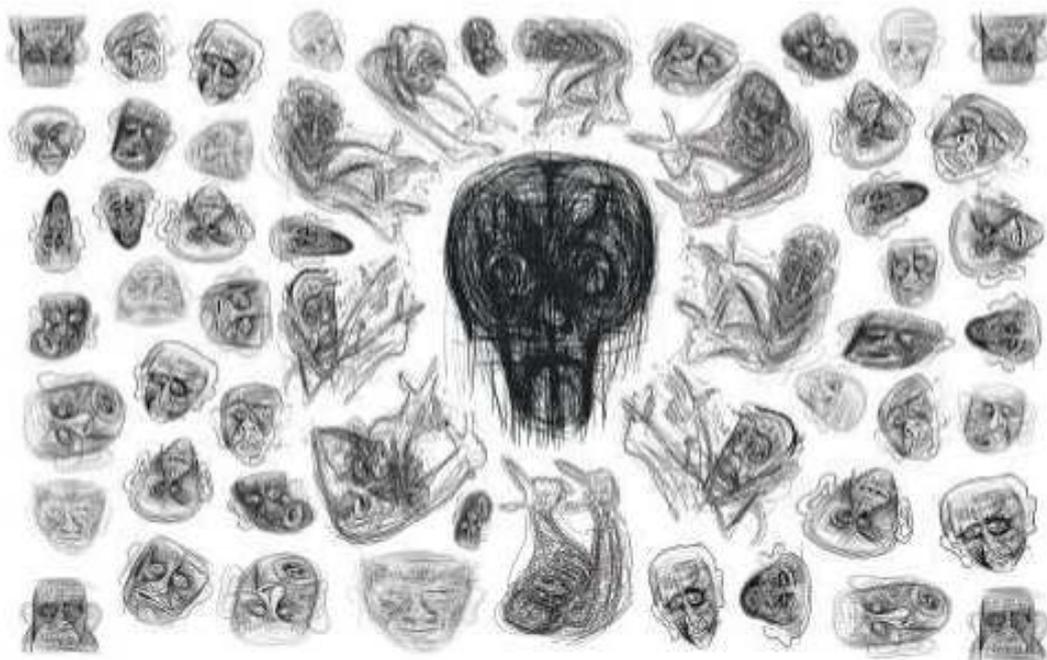
O sonho da razão produz monstros, técnica mista sobre papel, 72 x 103,5 cm, 2019



A política é a arte do possível, calcogravura em cobre, buril e ponta seca, 18 x 32 cm, déc. 2010
A política é a arte do possível, xilogravura de topo, 11,5 x 9,5 cm, déc. 1990



O triunfo da ignomínia, desenho digital, 40 x 63 cm, 2019
Disparate trágico, desenho digital 18 x 28 cm, 2019



Odio Insania, desenho digital, 30 x 46, 2023

Desastres da guerra, calcogravura em cobre, buril e ponta seca, 26 x 36 cm, 2021



Disparate trágico, calcogravura em cobre, buril e ponta seca, 23,5 x 33 cm, 2022
Disparate trágico, acrílica sobre papel, 34,6 x 44 cm, 2022

Série O triunfo da morte



O triunfo da morte,
xilogravura de topo,
9,9 x 13,3 cm,
déc. 1990



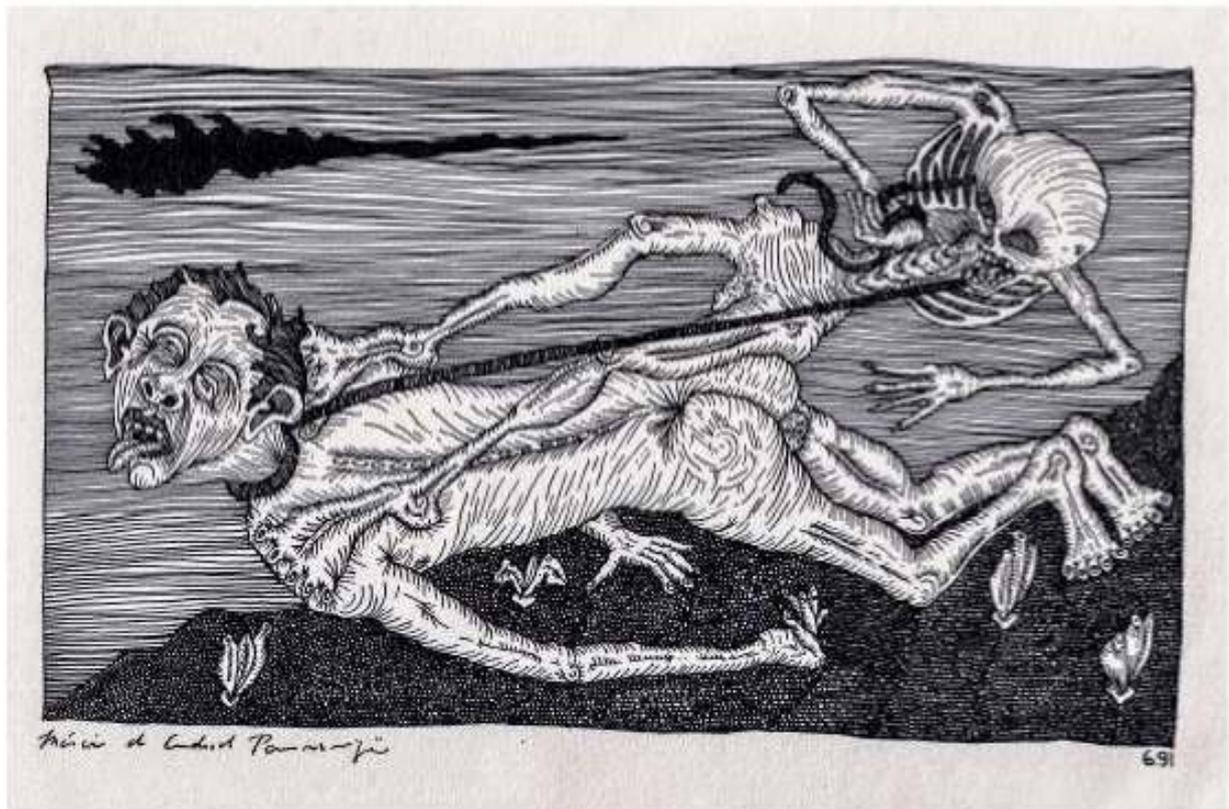
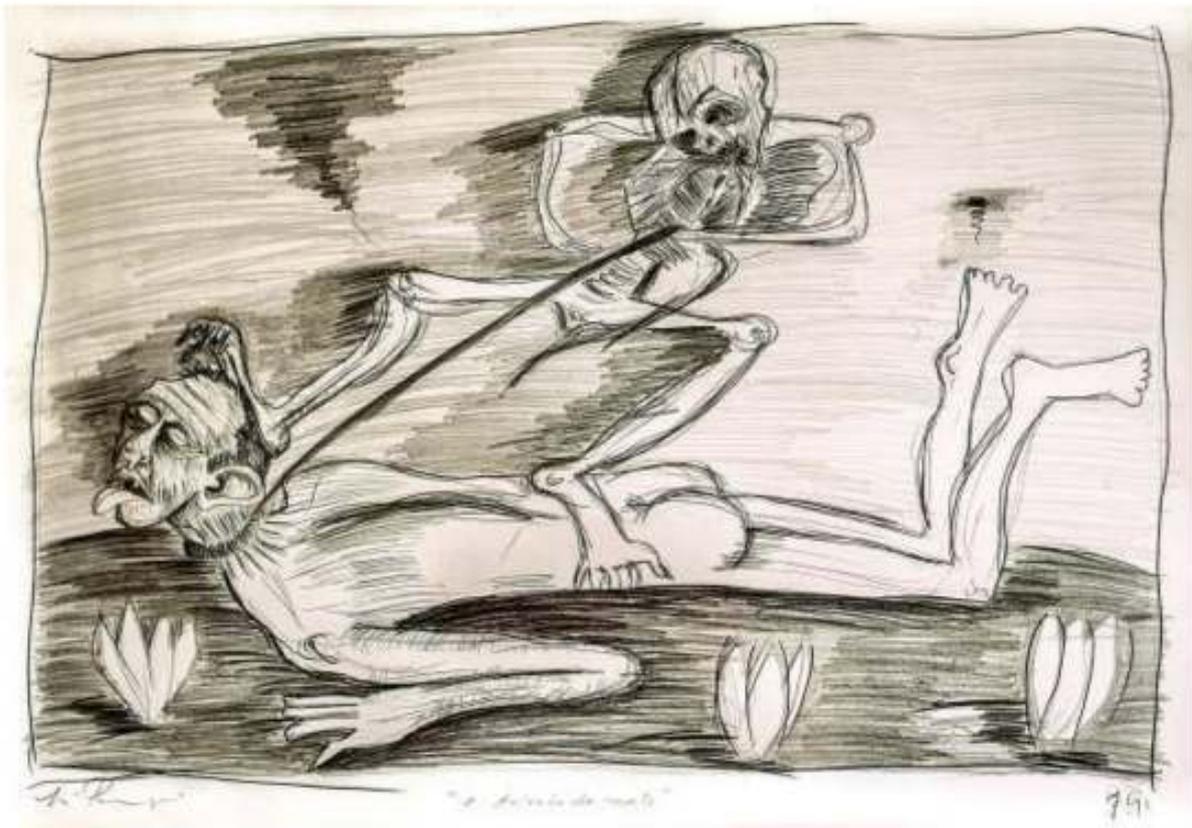
O triunfo da morte,
xilogravura de topo,
9,6 x 12,4 cm,
déc. 1990

O triunfo da morte,
xilogravura de topo,
10,1 x 13,3 cm,
déc. 1990



O triunfo da morte,
xilogravura de topo,
10,5 x 13,3 cm,
déc. 1990



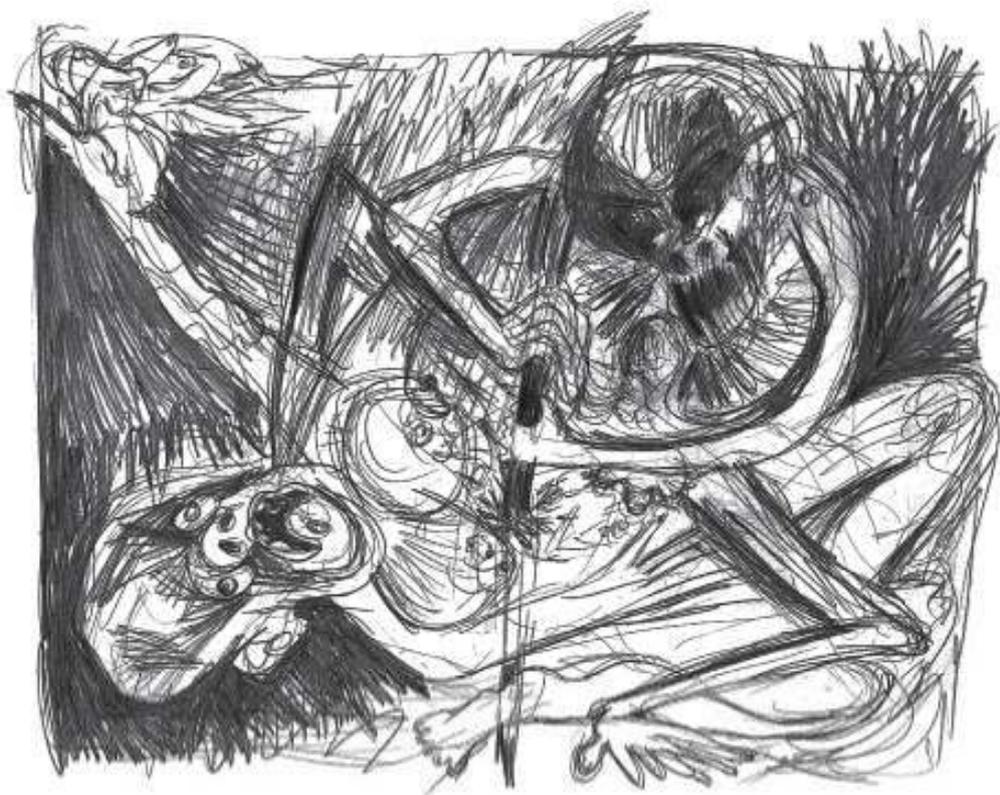




O triunfo da morte, desenho a lápis,
42 x 64 cm, 1991

O triunfo da morte, desenho a nanquim,
19 x 30 cm, 1991

O triunfo da morte, desenho a
nanquim, 29 x 19 cm, 1991





O triunfo da morte, desenho a lápis,
44 x 62 cm, 2010

O triunfo da morte, desenho a lápis,
44 x 62 cm, 2010

O triunfo da morte, desenho a lápis,
44 x 62 cm, 2010

Série Tristes trópicos



Tristes trópicos, xilogravura de topo, 15,5 x 13,6 cm, déc. 1990



Tristes trópicos, xilogravura de topo, 11 x 9,4 cm, déc. 1990



Tristes trópicos, xilogravura de topo, 10 x 9,5 cm, déc. 1990



Tristes trópicos, xilogravura de topo, 8,2 x 9,3 cm, déc. 1990



Tristes trópicos, xilogravura de topo,
11 x 9,5 cm, déc. 1990



A fome da fome,
xilogravura de topo,
11,2 x 9,5 cm, déc. 1990



Tristes trópicos,
xilogravura de topo,
10,5 x 10,2 cm, déc. 1990



Tristes trópicos,
xilogravura de topo,
9,7 x 10,7 cm,
déc. 1990



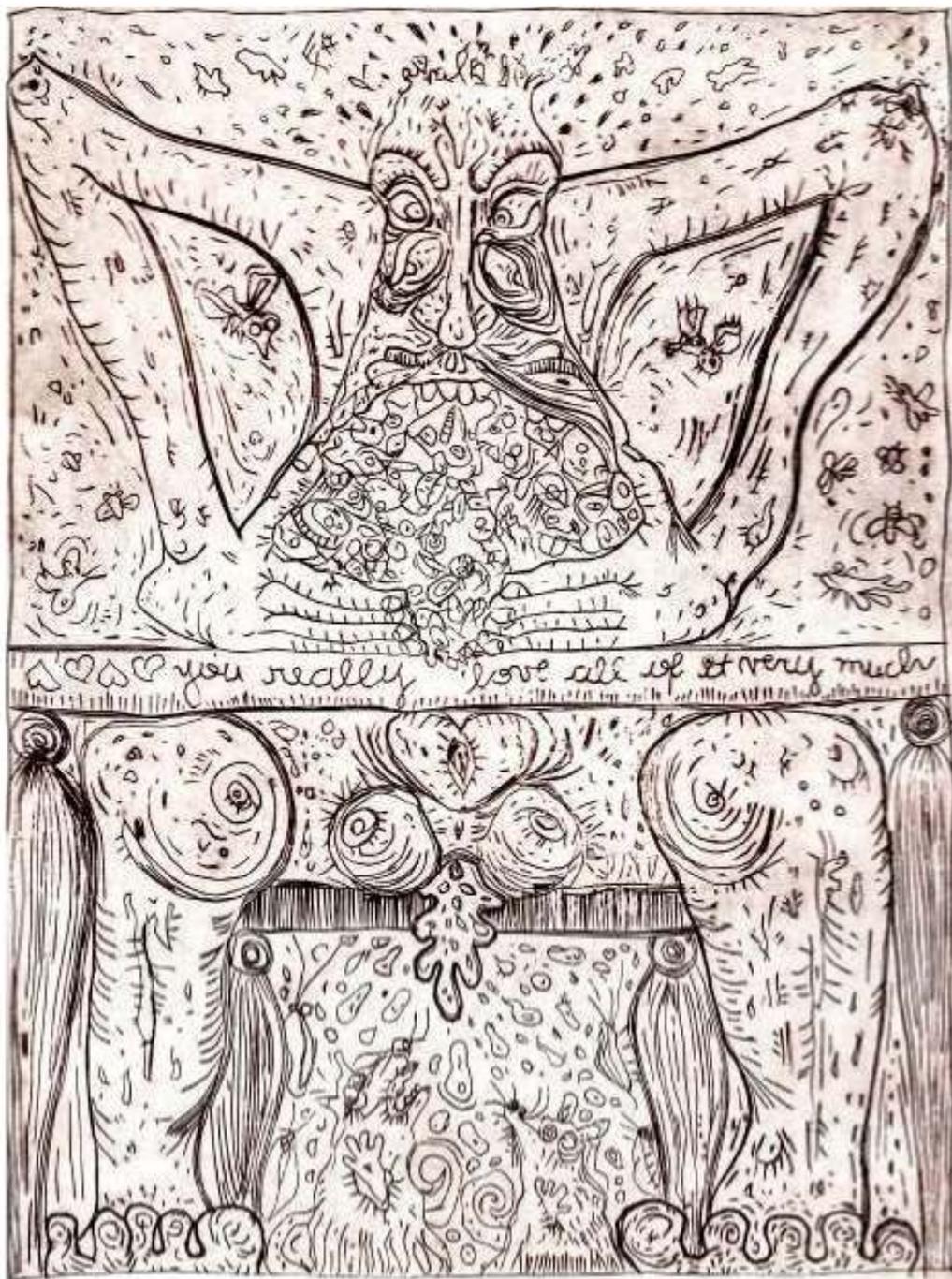
Tristes trópicos, xilogravura de topo, 11,1 x 9,5 cm, déc. 1990



Tristes trópicos, xilogravura de topo, 8,1 x 9,3 cm, déc. 1990



- ... a ânsia de amar a ânsia..., xilogravura de topo, 10,7 x 9,4 cm, déc. 2000
 ... a ânsia de amar a ânsia..., xilogravura de topo, 10,9 x 9,5 cm, déc. 2000
 ... a ânsia de amar a ânsia..., xilogravura de topo, 10,8 x 9,6 cm, déc. 2000
 Tristes trópicos, xilograura de topo, 11,2 x 9,5 cm, déc. 1990

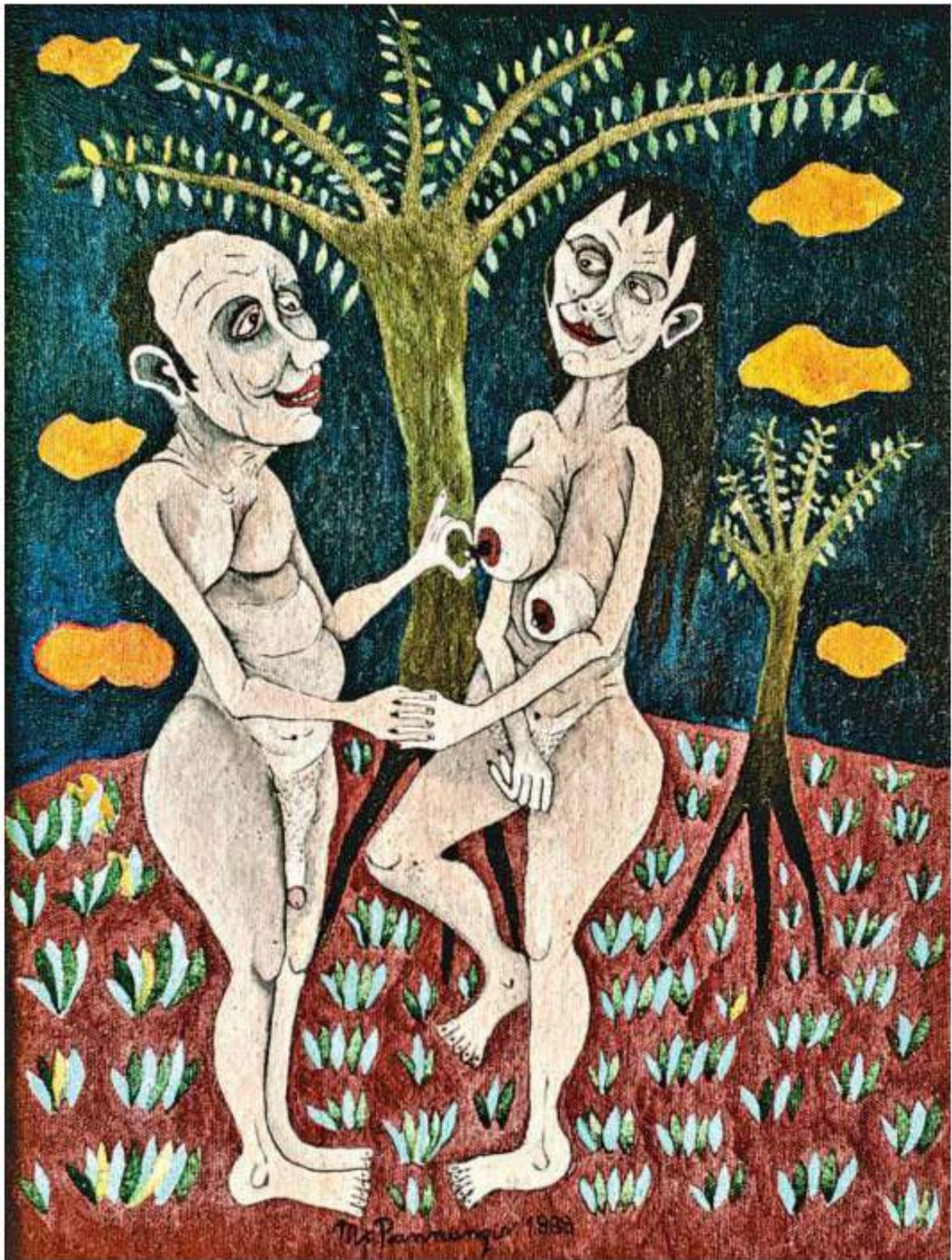


Vocês todos realmente amam mesmo muito isso tudo, calcogravura em cobre, buril e ponta seca, 20,5 x 15,5 cm, déc. 2010

Série Ars amandi



Ars amandi, acrílica sobre tela, 58,5 x 73 cm, 1988



Ars amandi, acrílica sobre tela, 40 x 31 cm, 1988



Ars amandi, xilogravura de fio, 61 x 56 cm, 1989



Sede de amar, linoleogravura, 63,5 x 44 cm, 1997



Amor, sublime amor, desenho a nanquim, 42 x 29 cm, déc. 1980



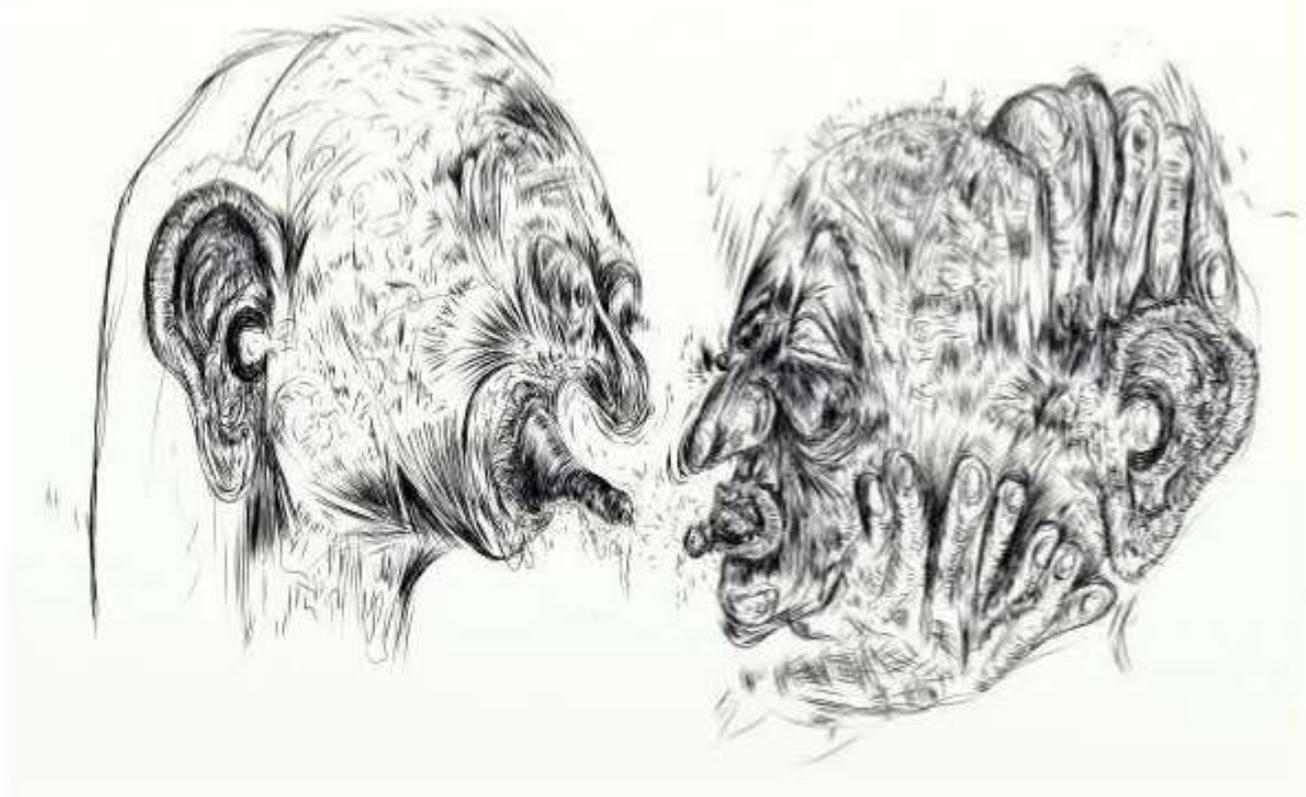
Sede de amar, desenho a nanquim, 28 x 15,5 cm, 1991



Ars amandi, xilogravura de topo, 13,5 x 9,7 cm, déc. 1990
Ars amandi, xilogravura de topo, 13,4 x 9,7 cm, déc. 1990
Ars amandi, xilogravura de topo, 13,4 x 9,7 cm, déc. 1990
Ars amandi, xilogravura de topo, 13,4 x 9,7 cm, déc. 1990



Ars amandi, desenho a nanquim, medidas diversas, 1991



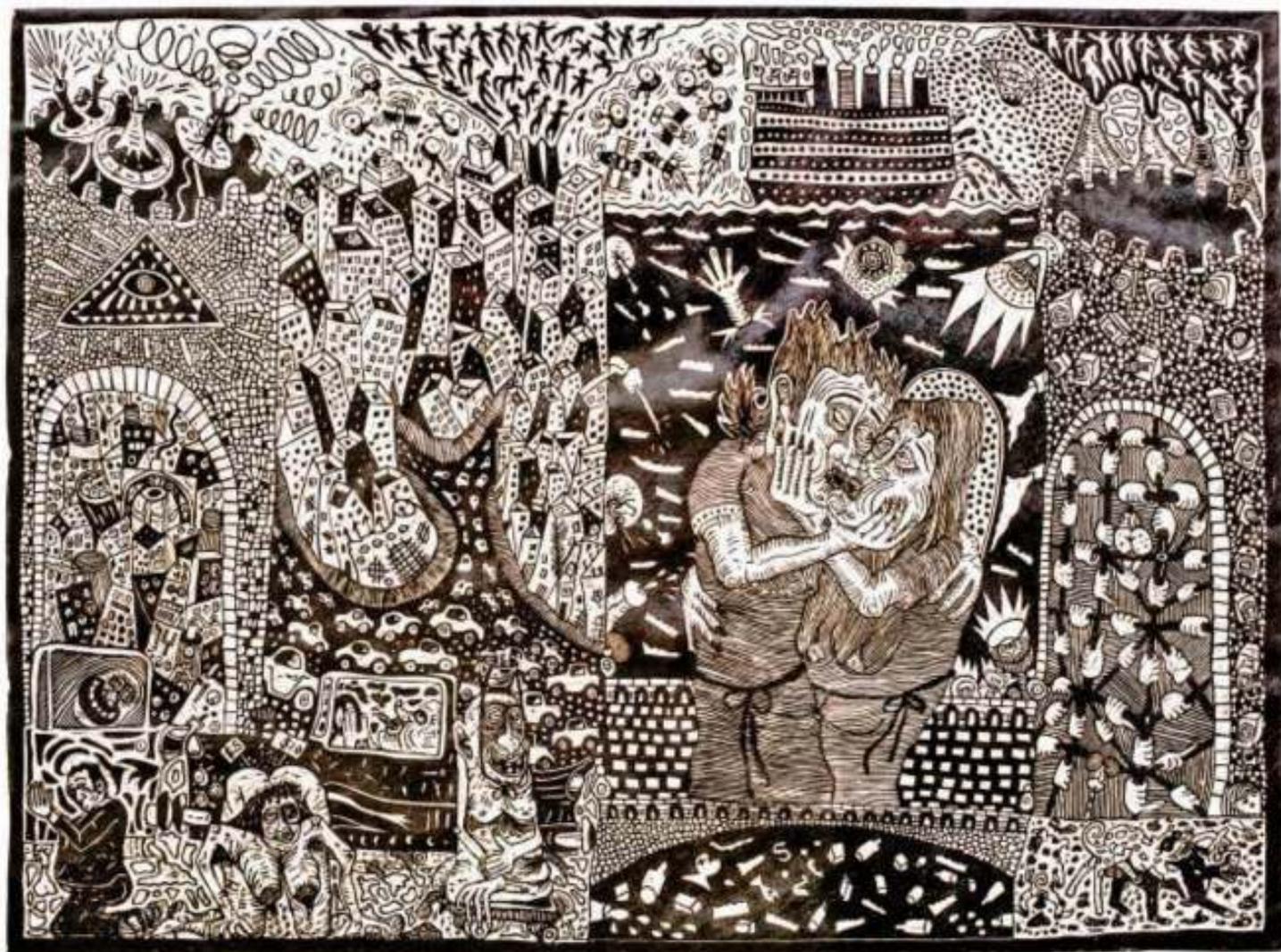
O beijo, desenho digital, 19 x 33 cm, déc. 2010,



Ars amandi, xilogravura de topo, 9,1 x 13,2 cm, déc. 2012,



Lovers, monotipia, 23,5 x 17 cm, 2010

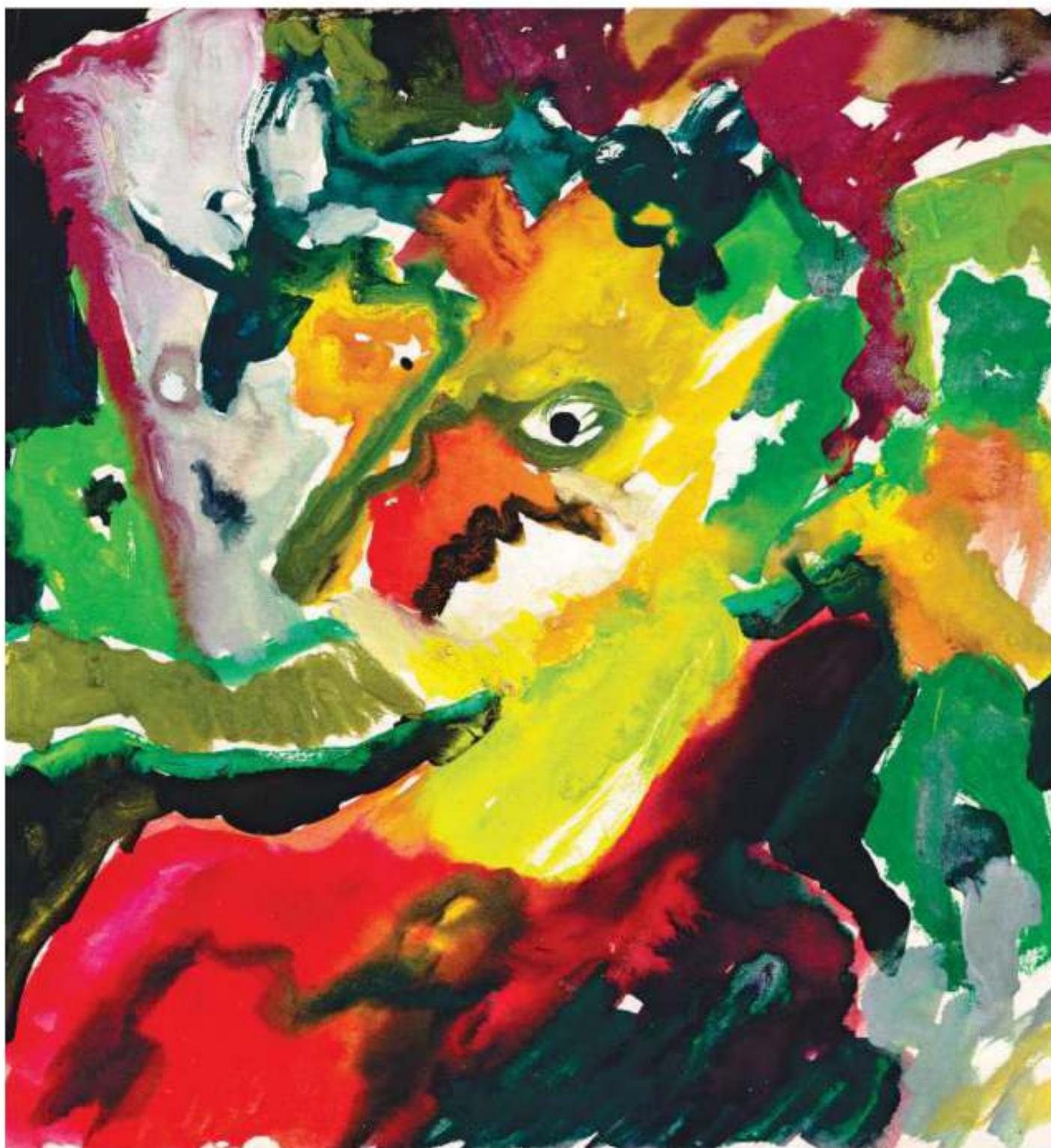


"Encontro na Porte de Ouro"

Alfredo Pinheiro

Encontro na Porte de Ouro, linoleogravura, 47,5 x 63 cm, déc. 1990

Outros





*Ensandecimento, guache,
23,5 x 35,5 cm, déc. 1980*



Eva no Jardim de Édem, xilogravura de topo, 18,7 x 10,7 cm, déc. 2000



A equilibrista, xilogravura de topo, 9,8 x 8,1 cm, déc. 1980



Mulher pelada, acrílica sobre papel, 34 x 49 cm, déc. 1980
Mulheres peladas, acrílica sobre papel, 34 x 50 cm, déc. 1980



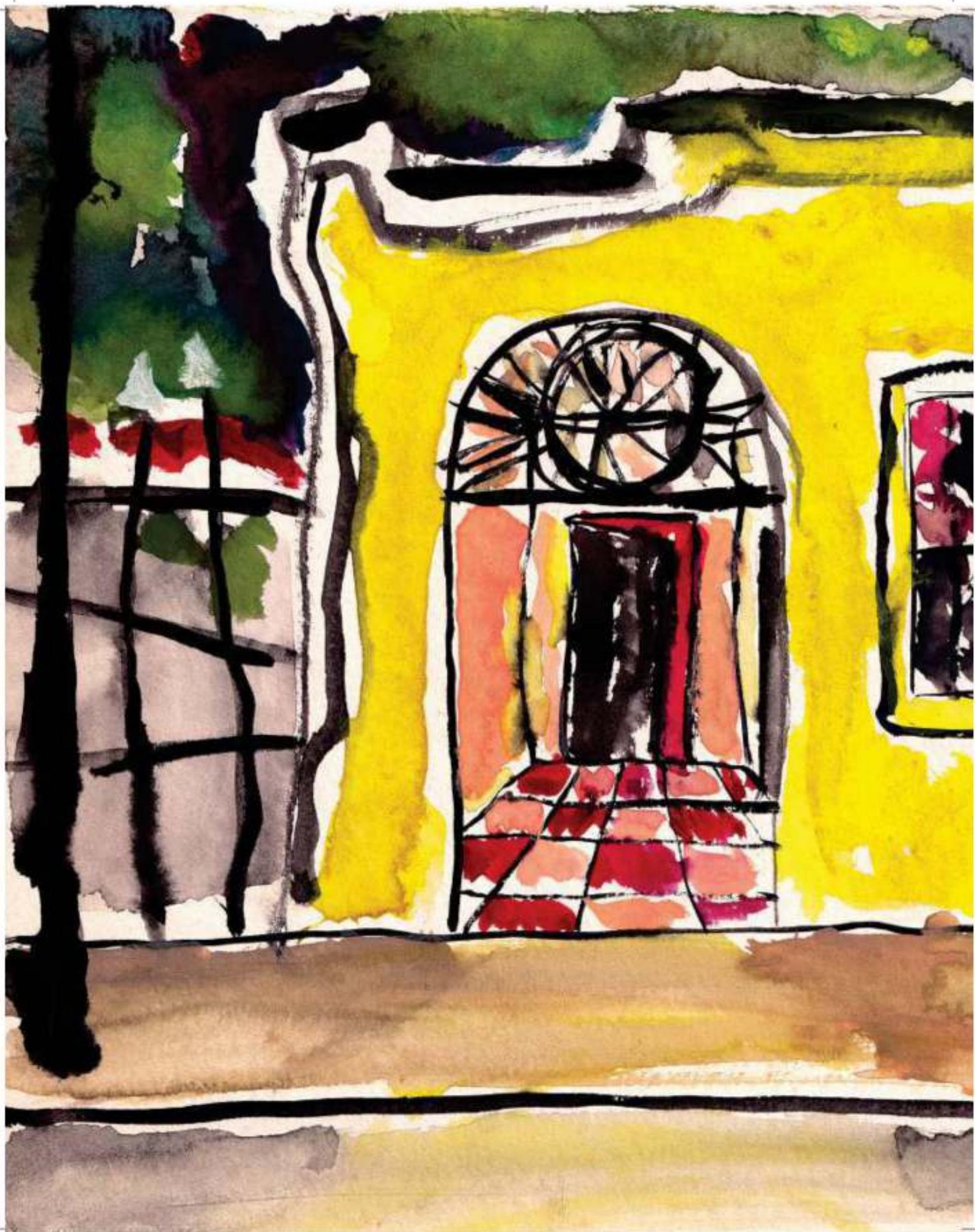
A fonte da juventude, desenho a nanquim, 9,8 x 19 cm, 1991

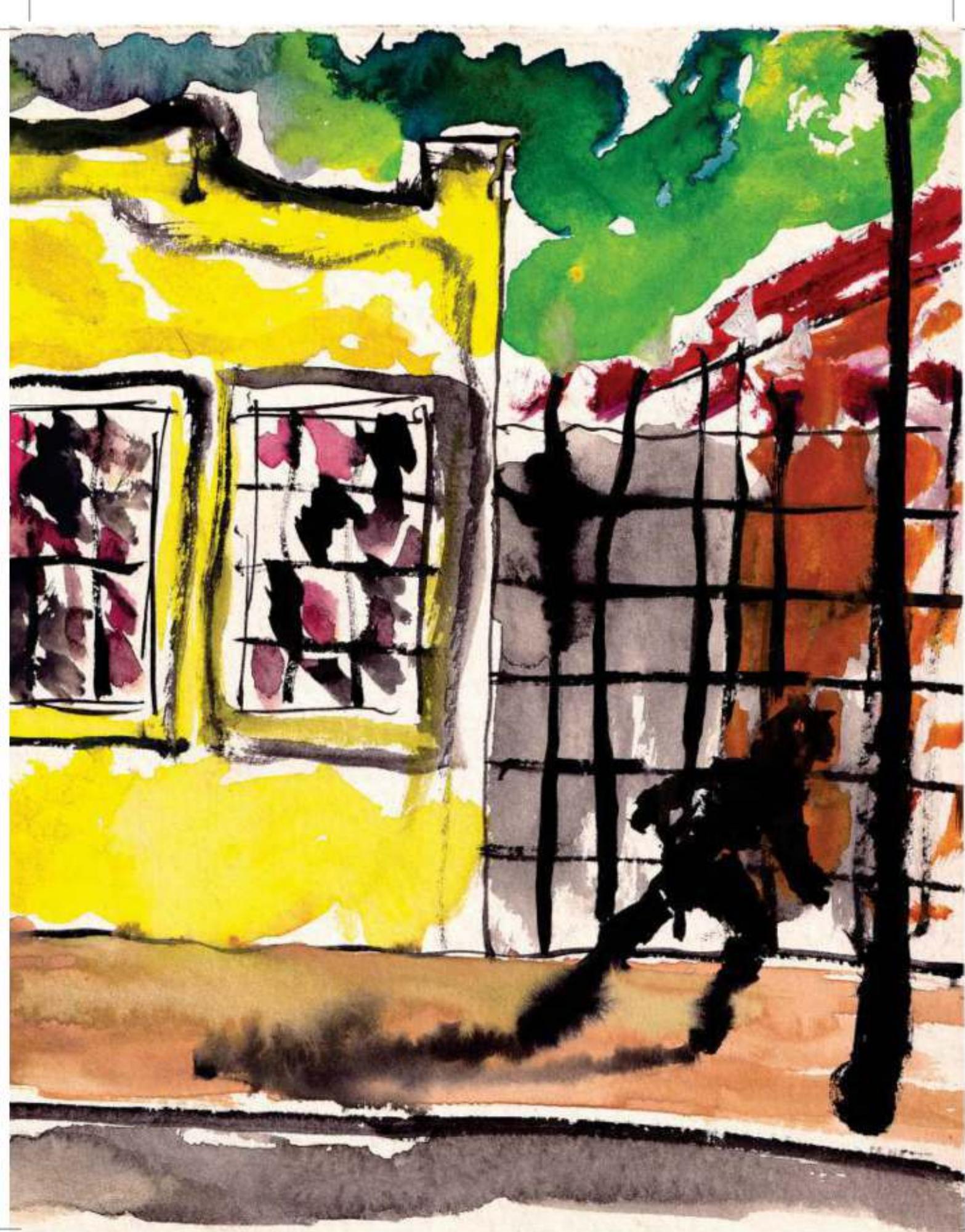


A rua, aquarela, 22,5 x 32 cm, déc. 1980
A rua, aquarela, 22,5 x 32 cm, déc. 1980



O medo, aquarela, 30 x 24 cm, déc. 1980
Página seguinte: *A rua*, aquarela, 21,1 x 32,7 cm, déc. 1990





Eu e o Pannunzio

Francisco Maringelli

Depoimento para o catálogo-livro da exposição
Márcio Pannunzio – Quatro décadas

Eu e Márcio Pannunzio ingressamos na FAU/USP em 1979 e já no primeiro semestre desse ano houve uma greve que durou meses. Nesse período, começamos a trabalhar juntos. Ele me mostrou pequenas gravuras, creio que linóleos, por ele realizadas no ano anterior. Fiquei fascinado pela força dos contrastes do preto e branco, pela matéria das impressões registradas no papel pelas xilos e linos, pelo potencial de reprodução das imagens. Falou-me sobre Goeldi, Munch e outros gravadores. Tudo isso me impressionou; passei a me interessar pela estética da gravura em relevo e, em seguida, comecei a gravar. A biblioteca da FAU tinha um ótimo acervo de livros sobre gravuras. A consulta frequente a esses livros consolidou o meu interesse pela técnica.

Com ferramentas emprestadas pelo Márcio, comecei a gravar em linóleo. Íamos juntos à Rua do Gasômetro comprar mantas de neolite ou de micro duro e nos abastecíamos de papel japonês na Loja Aerobrás. Paralelamente à linoleogravura, começamos a trabalhar com xilografia, experimentando vários tipos de madeira, fazendo estampas em preto e branco e a cores. A partir de 1980, passamos a trocar experiências com os colegas Cláudio Arasaki e com o Celso Shinzato, que já tinha uma formação acadêmica. Tanto o Pannunzio como o Shinzato, todavia, abandonaram o curso de arquitetura. Eu o Cláudio fomos até o fim.

O trabalho concreto deste quarteto resultou num jornal no formato tabloide, não me lembro se era um original do Shopping News, que reproduzíamos em xerox, mantendo os textos originais e substituindo as ilustrações por gravuras nossas. Era nossa intenção parodiar os textos com outras imagens, em flagrante contraste com seus conteúdos.

Lembro-me que eu e o Márcio fizemos um trabalho com recortes e colagem de fragmentos de gravura reproduzida em xerox que encontra paralelo nas experiências das "corpografias" realizadas por Hudnilson Jr. no laboratório da Pinacoteca do Estado. Não sei se o Márcio conservou um exemplar deste trabalho de estética ligada, de certa forma, ao *punk*. O meu exemplar se esgarçou com o tempo.

A partir de 1980, passamos a enviar nossas obras para vários salões de arte que, na época, representavam praticamente o único meio de um artista jovem aparecer, de ser lançado. Entre eles, foi importante para nós o Salão de Arte Contemporânea de Santo André.

Em 1983, oferecemos um projeto à Biblioteca Mário de Andrade que nos acolheu e fizemos então a exposição *Interiores: linoleogravuras*, uma mostra conjunta no saguão da mesma biblioteca com estampas montadas em painéis de acrílico com apresentação de linoleogravuras (matrizes de micro duro) de aproximadamente 60 x 40 cm, cuja entintagem, com pequenos rolos de 5 cm de largura, demandava um tempo superior ao dispendido na impressão das mesmas com colher de madeira em papel japonês. Ficamos felizes de expor num espaço público.

Depois, demos um outro passo no sentido de expormos juntos e isto ocorreu no Paço das Artes à época repartindo o espaço expositivo com o Museu da Imagem e do Som (MIS) e nesta exposição - *Incisões - gravuras em relevo* - contamos também com o grande amigo Tarcísio Sapienza, grande desenhista e gravador. No Paço das Artes, expusemos xilogravuras, linoleogravuras, sem muita ênfase no emprego das cores e, como fazíamos em todas as exposições, seguindo uma estratégia dos artistas alemães do grupo "A Ponte", desenhamos o convite e o cartaz da mostra, impressos numa gráfica lambe lambe da Vila Madalena e em seguida colados em pontos de ônibus e outros locais.

Em 1984, tanto eu como o Márcio, procurando expandir horizontes, ingressamos na Escola de Comunicações e Artes da USP, mas ele abandonou o curso no ano seguinte. Eu fui até o fim, com o objetivo de me tornar professor de arte. Tirei muito partido dos ateliês de gravura, principalmente dos de gravura em metal, técnica na qual me iniciei na própria ECA, no ano anterior, como aluno especial. Desde 1985, dou aulas de gravura.

Nunca mais fizemos um projeto de exposição em conjunto. O Márcio não pôde participar do projeto *Gravura na Ponta da Faca*, ocorrido na Biblioteca Mário de Andrade, em 2016, quando lá expus juntamente com Cláudio Caropreso. A biblioteca era então dirigida por Luiz Armando Bagolin, que nos reuniu no Espaço Extensão Universitária de São Carlos na última exposição que fizemos juntos.

Desde que conheci o Márcio, em 1978, estivemos muito próximos um do outro até 1989, quando ele e a Tana se mudaram para Ilhabela. A partir de então, passamos a nos comunicar por telefone e cartas, sempre acompanhadas de estampas originais, e a nos encontrar pessoalmente em suas esporádicas vindas a São Paulo.

Penso que, a partir de 1989, o Pannunzio tenha se concentrado, embora não exclusivamente, na xilo de topo. Cheguei a testar essa técnica de gravura na FAU, com Renina Katz, mas senti que ela não era a mais adequada para a minha expressão. Porém, o Márcio, nos pequenos formatos do topo, descortinou uma rica e expressiva fatura gráfica. Creio que caminhei no sentido oposto em relação a ele, pois tentei e investi nas escalas maiores que me levaram a fazer alguns murais lambe-lambe. As primeiras xilos em grande escala, realizei em 1994, quando fui contemplado com a Bolsa Vitae para realizar o projeto *Grandes Formatos na Gravura em Relevo - Xilogravuras e linoleogravuras*.

Penso também que temos mantido um interesse constante pela pintura, que não foi plenamente realizada ainda pois, teria que se equiparar à intensidade obtida através da gravura em relevo.

A fotografia

Márcio Pannunzio foi atraído pela fotografia desde a infância e seu interesse pelas imagens fotográficas cresceu com o tempo. Durante sua trajetória artística, que já dura mais de quatro décadas, dedicou-se com afinco ao gráfico gravado, sobretudo à xilografia de topo. Nesse período trabalhou, em paralelo, com o desenho e a pintura, modalidades artísticas que nunca abandonou, e também com a fotografia, esta, no início, de maneira eventual e agora de forma intensa.

Em fins de dezembro último, objetivando conhecer melhor o envolvimento de Márcio com a fotografia, apresentamos a ele um questionário constituído por dez perguntas. As respostas foram tão detalhadas que optamos por publicá-las na íntegra, sem filtros ou cortes.

1. Por que você se tornou um fotógrafo? Quando isto aconteceu? Por que aconteceu?

Desde criança me encantava com a fotografia. Tive aquelas máquinas populares da Kodak, da década de 70, final da década de 60, as instamatic, que usavam filme de cartucho. Mas fotografava pouco, apenas em ocasiões festivas e viagens.

Herdei a Rolleiflex do meu pai e fiz muitas fotos com ela. Porém, quando nos mudamos para ilha, ficou complicado trabalhar com filme 120; as casas de fotografia de São Sebastião só trabalhavam com filme 135.

Para contornar esse problema, comprei numa ida a São Paulo uma Zenit 122 à prestação, no crediário, nas Casas Bahia. Em 2002, quando ganhei a Bolsa Vitae, numa nova ida à capital, comprei usada uma Asahi Pentax Spotmatic F com a lente Super-Takumar 50 mm foco 1:1.4 original e mais uma lente Takumar 150 mm foco 1:4. Com essa câmera fiz muita foto. O ruim era que eram reveladas em máquina com ajuste malfeito que fazia as fotos saírem ou esverdeadas ou azuladas. Para contornar essa situação que transformava o ato de fotografar numa decepção, passei a fotografar usando filme cromo e aí foi uma revolução; as fotos ganharam vida, ganharam cor. Comprei muito cromo vencido ou próximo ao vencimento por ser em conta e passei a fotografar mais. Nessa época, a fotografia digital começava a se firmar, mas por causa do seu alto custo, continuaria distante para mim. A revelação era barateada porque eu não imprimia as fotos, optando por gravá-las em cd.

Por conta das individuais que demandavam registro fotográfico, individuais do ProAC e da Caixa, enfim entrei, timidamente, na era digital da fotografia.

Comecei devagar, com câmeras de recursos limitados. A primeira foi uma Canon Power-shot 550, depois uma Kodak Pixpro Az252, encerrando a fase de câmeras bridge com uma Panasonic FZ 100. Em 2012, por ocasião duma individual na Caixa Sé, comprei minha primeira câmera parruda e tida por profissional, uma Kodak DCS Pro SLR/n. Comprei usada e com defeito no sensor, só percebido depois. A história dessa aquisição rendeu novela. Precisei enviá-la para consertar nos estates porque por aqui, ninguém conserta. Era uma máquina antiga, fora do mercado, considerado pelo povo do centro de São Paulo especializado no comércio de fotografia, obsoleta. Ela foi, voltou, pifou novamente e novamente foi pros estates pra consertar na garantia. Retornou finalmente em ordem e com ela comecei a fotografar com maior ímpeto.

Eu nunca tive recursos para comprar equipamento fotográfico de ponta e considerava essa febre de fotografia digital que contaminava as pessoas abastadas uma coisa fútil, de deslumbrados, novos ricos. Todavia, a necessidade de documentar minhas individuais para atender à cobrança dos projetos incentivados por registro fotográfico de boa qualidade, diminuiu minha resistência e assim, principiei a investir em câmeras digitais e lentes.

Depois de atender essa demanda de fotografar minhas exposições, não só para respeitar exigência dos patrocinadores, mas também para me abastecer dum material que permitisse melhor mostrar meu trabalho na apresentação de novos projetos, a minha fotografia encontrou seu melhor espaço. Caiu na rua e então, tornei-me um fotógrafo de rua, fotografando pessoas.

Existem artistas plásticos que usam fotografia no seu trabalho. Infelizmente, a maior parte deles a usa de maneira abrutalhada, tosca, sem se dar conta das particularidades da linguagem fotográfica.

Eu me considero não um artista plástico que fotografa, mas um fotógrafo que é também artista plástico.

Li muito sobre "olhar fotográfico" e a princípio, achava essa expressão, esse termo, uma excentricidade. Quando, porém, mergulhei na fotografia, realmente percebi que esse olhar existe e é ele que abastece, fortalece a paixão de fotografar. Porque fotografar é um ato de paixão; paixão pelo mundo, paixão pelas pessoas. A gente redescobre o mundo quando começa a fotografá-lo. Aprende o valor da composição, da iluminação, da cor. Aprende a combiná-los de forma a criar o conjunto mais harmonioso, mais expressivo.

O fato de eu ser um sujeito muito tímido, antissocial, paradoxalmente ajudou a me estimular a ser fotógrafo porque nessa condição, detrás da ocular, podia entrar no meio das pessoas flagrando seu cotidiano; isso, principalmente quando documentava festas populares, movimentos sociais, shows, eventos... Como fotógrafo me sentia confortável e protegido para estar em lugares onde, normalmente, me sentiria desconfortável, acudado.

2. Quantas máquinas fotográficas você tem? Uma delas tem sua preferência? O que o leva a sair com uma ou com outra?

Tenho um monte de máquinas. Vários corpos de câmera de marcas diferentes: Kodak, Canon, Nikon, Sony e Samsung. Lentes, perdi a conta. A maioria é de lentes prime, clássicas. Fui comprando devagar, no mercado livre e na ebay, num tempo em que ninguém

dava valor para elas porque todo mundo queria lente eletrônica, que facilitasse a focagem. Então, elas eram baratas.

Os corpos de câmera que tenho também foram comprados todos usados, exceção feita à Canon Powershot 550 e à Kodak Pixpro Az252 que foram compradas novas. Todos esses corpos eram antigos, deixados no limbo por esses fotógrafos que vivem num obsessiva corrida por exibirem o equipamento da hora, o equipamento do último anúncio.

Eu não chego a ter uma preferência por um equipamento específico, mas tenho essa preferência quando se trata de um tema específico.

Na fotografia de rua aprendi a ser discreto e não dá para sair apontando câmera parruda pra cara das pessoas. Então eu uso câmeras cropadas, sensor APS-C, menor que o full frame que corresponde ao tamanho de um negativo de filme 135. Uso as Sonys e Samsungs, velhas, consideradas por alguns até como amadoras. Uso sempre lentes de grande abertura e para acoplá-las aos corpos, uso adaptadores. O foco é sempre feito à moda antiga, na mão firme e olho atilado. Coisa que a maioria dos fotógrafos modernos não faz, não sabe fazer. As lentes são aquelas compradas depois dum trabalho de paciente garimpagem e são as mais apropriadas para fotografarem pessoas na rua. Além dessas lentes, eu trabalho com lentes de projetor que adapto para fotografar conseguindo resultados que me agradam e esses resultados, no julgamento de fotógrafos caretas, são defeitos de distorção de lente, aberração cromática, flares que fazem toda a diferença, contribuindo para criar a foto que eu gosto.

Eu guardo meu equipamento distribuído em várias caixas de plástico transparente, com antimoho em seu interior. Deixo essas caixas em local iluminado e próximo a esterilizador de ar elétrico. Aprendi a desmontar e a limpar essas lentes antigas.

Você se espantaria com o volume do meu equipamento. Para fotógrafo moderno, um monte de porcaria, mas para quem conhece um pouco melhor a história da fotografia, um conjunto de lentes vintage, únicas. Hoje, estão em processo de valorização, mas como disse antes, quando as comprei, eram muito baratas e havia até quem as desse de graça.

Quando fotografo eventos, como shows, o equipamento já muda porque preciso de lentes teleobjetivas, 120 mm, 150 mm, 180 mm e corpos de câmera mais parrudos como os da Nikon e Kodak. O mesmo acontece em fotografia de esportes e nessas vezes, uso também objetivas mais longas, de 300 mm e 500 mm.

No caso de manifestações, é necessário mesclar tudo e aí saio carregando muito equipamento, com uma mochila grande nas costas, colete de fotógrafo e umas três câmeras no pescoço. Eu não uso lentes zoom, essas que tem várias distâncias focais. Por isso preciso ter várias câmeras, cada uma com uma objetiva de distância focal diferente. Aí, no calor do momento, vou alternando as câmeras.

Para a fotografia de rua, levo uma mochila bem pequena, discreta, em geral com dois corpos de câmera diferentes, cropadas e umas quatro objetivas: uma 50 mm de projetor, outra 90 mm também de projetor, uma de 25 mm e uma de 10 mm. Essas duas últimas são lentes chinesas, compradas baratinho no AliExpress. Fotógrafo fresco torce o olho, mas elas entregam um resultado que me agrada.

Gosto bastante das Kodaks que tenho, uma DCS Pro SLR/n e outra DCS Pro 14n e que são sobreviventes, com quase duas décadas de vida. Tem muitas limitações, precisam de muita luz, são lerdas, e as fotos que fazem tem ruído forte e aberração cromática. Mas é justamente por entregarem um resultado fora do convencional, amaldiçoado por fotógrafos conservadores, que eu gosto delas. A Nikon é mais rápida, higiênica, mas tem um recurso fantástico que as kodaks e as outras câmeras que tenho não têm: dupla ou tripla exposição que gera imagens especiais.

Ressalto que esse equipamento todo é muito antigo e consegui comprar por ser barato quando comprei. As Kodaks são de 2004, 2005; a Nikon de 2008; as sonys, samsungs, de 2015. As lentes então, chego a ter lente de câmera de lambe lambe, de quase cem anos. As clássicas são das décadas de 50, 60, 70. Lentes de projetor compro na Rússia, Ucrânia. Quando as comprei também valiam bem pouco. Hoje, tem gente que percebeu seu potencial e elas passaram a ser mais cobiçadas.

3. Quais são os seus temas de eleição? Por que eles atraem?

Penso que o bom fotógrafo deveria estar apto a fotografar tudo e assim, eu busquei sempre estar em condições de fotografar gente, comida, arquitetura, show, esporte... Acho importante conseguir desenvolver a capacidade de registrar situações diferentes porque as necessidades que a técnica impõe fazem a gente crescer, conhecendo mais, se capacitando melhor e, inclusive, usando, criativamente, estratégias comuns para um tipo de fotografia, noutro.

Gosto de fotografar comida porque é preciso muita sensibilidade em relação à luz, à composição. Na pintura seria uma ação análoga a de pintar natureza morta.

Gosto de fotografar shows e fotografei muitos quando eles aconteciam com regularidade aqui na ilha e eram abertos ao público. A fotografia precisava reproduzir a eletricidade daqueles momentos. Hoje, já não teria a paciência que tive de ficar disputando lugar, com muito barulho, calor, confusão.

Fotografei muito esporte na ilha também e me agrada perceber que essas fotos podiam ter a virtude de transmitirem o esforço dos atletas, sua garra, sua sanha de competir. Mas assim como o caso dos shows, acho que minha paciência não é mais tanta.

Gosto de fotografar a congada e o carnaval e continuo todo ano os fotografando em Ilhabela.

Gosto de fotografar o povo na praia e disso tenho foto a perder a conta.

Nas manifestações contra o bolsonarismo estive sempre presente e na ilha fui único fotógrafo melhor equipado a registrá-las. Fazia isso como um dever; fazia isso com grande prazer, alimentando a fé de que dias melhores viriam, como de fato, acredito, virão e já estão vindo depois da derrota do pior presidente da história da república.

Eu acredito na máxima que bom fotógrafo tem de fotografar o tempo inteiro e por isso eu ando sempre com câmera na mão.

E se você ler o começo da apresentação do meu site de foto www.ilhabelaemfoco.com : "A fotografia pode ser um espelho e refletir a vida como ela é, mas também acredito na

possibilidade de, como Alice, atravessar um espelho e descobrir outro tipo de mundo com o auxílio da câmera". Palavras do fotógrafo britânico Tony Ray-Jones que imortalizou o ócio inglês no livro "A Day Off - An English Journal" e influenciou uma legião de novos fotógrafos, como Martin Parr a buscarem o outro lado do espelho.

Vai constatar que meu forte é a foto de rua, aquela que flagra as pessoas no cotidiano e nos revela o mundo.

Essa modalidade de foto, a de rua, eu pretendo exercitar sempre.

A despeito de me esforçar para conseguir trabalhar com temas diferentes na fotografia, meu interesse desde sempre foi por fotografar gente. Fazer retratos e flagrantes de rua com pessoas em cena. O fato de conhecer rudimentos da fotografia culinária, de produtos, arquitetura e paisagem auxilia a construção de uma abordagem criativa ao fotografar pessoas. O que, por sua vez, facilita consolidar uma linguagem fotográfica diferenciada, pessoal.

Como Tony Ray-Jones, fotografo o ócio das pessoas na praia em Ilhabela. Morando há tanto tempo aqui, esse, pode-se dizer, tornou-se o tema mais presente da minha fotografia.

Embora haja na ilha quem advogue a favor dum turismo elitizado, as praias ou pelo menos, a maior parte delas no arquipélago, são democráticas, acolhendo pacificamente gente das mais diversas situações sociais, culturais, religiosas, políticas numa convivência sem conflito aparente.

Minha fotografia dessas pessoas na praia vibra numa extensa amplitude, desde cenas minimalistas até cenas gongóricas, cheias de pessoas numa confusão de corpos e posturas. Essas fotos se esmeram em ir além do registro dum momento de lazer; elas objetivam adentrar o lado de lá do espelho ao qual se refere o fotógrafo inglês, nos contando o que não vemos porque está oculto atrás da superfície da cena.

4. O que mais lhe interessa numa imagem?

Toda imagem precisa contar uma história, desnudar um pouco o mundo. Isso qualquer boa foto tem o poder de fazer e acredito que nos mais diversos campos da fotografia.

A fotografia de rua, todavia, me parece mais contundente por nos falar do nosso mundo.

Como artista, sempre busquei uma postura de engajamento, de contestação e levei isso também para a fotografia. Ainda que muitas das minhas fotos possam marcar pela beleza, pelo colorido, sempre busco na essência delas impregnar um estímulo à reflexão do observador.

O Goulart falava que a arte existe porque a vida não basta. De certa maneira, acredito que arte existe porque a experiência de viver ainda que nos extasie, excite, maravilhe, nos aterroriza demais além de qualquer medida e precisamos, por uma questão até de sanidade, conseguir melhor metabolizá-la. Assim, a arte não seria uma experiência para transcender o mundo, mas uma experiência para auxiliar a nos ancorar nele, a compreendê-lo e a transformá-lo.

5. O que, na sua opinião, caracteriza a sua fotografia? Como você constrói suas imagens?

Minha fotografia se caracteriza pelo foco seletivo e forte cromatismo. Minha fotografia tem uma feição pictórica. O mundo que busco criar na minha fotografia é um mundo pleno de cor e movimento e não é um mundo focado. Meu foco destaca áreas específicas da composição para criar equilíbrio e, em algumas situações, desequilíbrio; o resto é visão periférica, embaçada. O trabalho de burilar a captura feita pela câmera & lente acontece no momento da edição da imagem.

Na época da fotografia analógica, por não saber revelar, delegava essa tarefa aos outros; reveladores ou máquinas de revelação. O resultado quase sempre foi frustrante. Com a fotografia digital tive oportunidade de trabalhar minhas fotos, ajustando sua luz, sua cor, recortando-as de maneira a conseguir o resultado que mais me agradasse. Assim, minha fotografia busca se diferenciar na captura da imagem, a partir da escolha dum equipamento singular e no seu tratamento diferenciado final.

Abuso do foco seletivo; faço composições cortando pés e cabeças; muitas vezes desrespeito linha de horizonte; não me prendo a cânones. E até por isso tive dificuldade em ter meu trabalho aceito em bancos de imagem e no fotojornalismo.

Felizmente tive boa aceitação no iStock by Getty Images, banco de imagens onde carreguei mais de seis mil fotos e na agência de fotojornalismo Foto Arena, mais de dezesseis mil fotos. Outra característica da minha fotografia é o fato de fotografar pessoas. Mesmo quando fotografo ruas vazias, ou casas, prédios sem gente, os cenários respiram a presença das pessoas ausentes. Minha fotografia retrata conflito, retrata desigualdade cultural, social, num esforço de desnudar o lado perverso, o lado sofrido da vida. A cidade que minhas fotos exibem é uma cidade de prédios velhos, embolorados, decadentes. Cidade pixada; cidade mal-amada. Nas praias as pessoas se misturam num lazer que persegue mais a embriaguez alcoólica do que o relaxamento contemplativo.

Fotos minhas são bastante coloridas e o foco seletivo, ao criar áreas de atração diferentes, faz o olhar passear pela imagem; passo esse igualmente orientado pela composição que demarca linhas de aproximação e fuga. Em geral, essa experiência é gostosa porque, à primeira vista, a foto, por ser rebuscada, um tanto barroca, parece bonita.

Contudo, a mensagem que ela passa em plano de fundo pode ser desconcertante e mesmo, amargurada.

Existiu e ainda existe, à margem dos holofotes da mídia conservadora a soldo dos poderosos, arte militante, a serviço de propagar uma mensagem subversiva, com pretensão de revolucionar o mundo. Existe igualmente uma escola de fotografia que milita não no esforço de embelezar, decorar ordinariamente lares e comércios, mas de, ao desnudar a iniquidade que nos oprime e nos desumaniza, abraçar a esperança frágil e imprecisa, de mitigar o sofrimento humano, despertando consciências adormecidas para a urgência de realizar a inclusão dos desvalidos, dos marginalizados.

6. Fotografar em preto e branco ou a cores? Quando, Por que?

Fotografo com cor porque a profusão de cores na fotografia cria encantamento. A fotografia em p&b tem, é claro, seu encanto, mas ele é melancólico, introspectivo. Às vezes recorro ao recurso de transformar a foto em p&b quando desejo que ela respire alguma solenidade, que ela se torne um pouco carrancuda. Vai bem em alguns retratos e em cenas de rua que exigem um olhar mais focado, que não se perca pela algazarra da cor.

Porque a cor faz festa, faz bagunça e barulho e dependendo da imagem, muita festa. O que não significa que essa festa seja sempre alegre; uma cena de rua que estampe miséria humana pode vibrar de tanta cor, mas será sempre uma cena triste e quem a olhar, se compadece, se entristece com aquilo que a foto mostra.

Há uma lenda entre fotógrafos e apreciadores da fotografia de que foto boa é em p&b. Considero esse juízo, lenda e por isso o nomeio como lenda. Por causa dele, muito fotógrafo transforma tudo o que fotografa em p&b e tem até fábrica de câmera que lança modelo que só fotografa em p&b.

Mas o mundo em que vivemos é colorido. Suprimir a cor do mundo pode, por vezes, se isso for bem-feito, dar bom resultado em fotografia. Porém, essa prática, levada ao paroxismo, furta o mundo da sua grandiosidade, o apequena. Então, é preciso reverenciar a cor, festejá-la, até porque nos a vemos o tempo inteiro.

Lembro duma frase do Goeldi, questionando a arte abstrata do seu tempo que, como modismo implacável, jogava no ostracismo os artistas figurativos. Goeldi dizia que seus sonhos eram figurativos. Nossos sonhos, além de figurativos, têm cor e espelham nossas vidas despertos que têm, também, cor e muita.

7. Como você lida com o foco na fotografia?

Eu vejo o mundo na fotografia como a gente mais ou menos o enxerga: embaçado na visão periférica, focado nalguns pontos, numas pequenas áreas. O foco na minha foto é seletivo porque intencional para destacar partes da imagem que acho relevantes; as partes vizinhas não tem protagonismo na cena, são coadjuvantes e nessa condição, não podem distrair o olhar. O mundo tem uma infinidade de pontos de destaque e é impossível em qualquer foto que registre um fragmento infinitesimal dele, apontar esses pontos todos nesse seu minúsculo, microscópico pedaço. Então, é preciso eleger qual ou quais pontos merecem aparecer antes e essa escolha, na maior parte das vezes, olhando pela ocular dessas câmeras parrudas ditas profissionais ou nas telas das modernas câmeras sem espelho bem menores é tão veloz que parece ser aleatória. Mas não é porque o olho treinado do bom fotógrafo desenvolve a capacidade de, feito um computador, em instantes, processar um volume gigantesco de informação e enquadrar a cena da melhor maneira que determinar seu julgamento e gosto estético e aí então apertar o botão do obturador, congelando o tempo. A fotografia tem esse poder mágico de congelar uma fração grão de areia de praia, gota de oceano da vida e quando a gente olha as fotos, por um momento, descongela o tempo paralisado e o revive na memória.

Apesar da minha fotografia buscar simular o mundo como a gente o vive, isso não significa que ela seja fiel a uma ideia de realidade. Não, a fotografia é criação; não registra o mundo "como ele é", nos entrega um reflexo pálido do mundo e esse reflexo é ilusão; não é tangível, não é real até porque já passou, não existe mais, acabou.

Eu crio meu registro como um pintor pinta um quadro, escolhendo suas cores e suas formas. A diferença é que encontro as formas vivas no mundo; é só preciso escolher, separar, enquadrar um diminuto pedaço delas que vai contar uma história que morreu.

O mundo é completamente alucinado e caótico. Por isso a fotografia que captura um seu momento insignificante por minúsculo, precisa compô-lo, organizá-lo para que o olhar

consiga o enxergar. Da mesma maneira que um desenhista alicerça seu desenho, um fotógrafo inspirado precisa alicerçar a composição na sua fotografia e para fazer isso, usa como instrumento a luz, o foco, a cor. As formas que flutuam em desordem carecem de serem colocadas numa ordem. O fotógrafo é um demiurgo de grãos de mundo, grãos de vida passada. O poder extraordinário de ser um demiurgo, ainda que de força tão pequena, tão ridícula, é talvez, a motivação maior para mergulharmos no exercício de fotografar.

8. Quais as aberturas de lente que mais utiliza? Utiliza o instantâneo? Quando? Por quê?

Uso aberturas grandes, 1.4 ou 1.2. Isso em fotografia de rua cria desfoques, "boken" muito fortes. Tive muita dificuldade em entrar na fotojornalismo porque, quando fiz meus esforços iniciais, havia na área a normativa de que foto jornalística tinha que ter foco em quase toda a cena; fotojornalista trabalhava com foco fechado. Tinha até uma agência famosa que se chamava f11, uma seleção de abertura de diafragma bastante apertado, que deixava passar pouca luz.

Como uso aberturas grandes, a luz invade o sensor da câmera feito enchente, nevasca, furacão e essa explosão fica impregnada na foto. Hoje existe muito fotojornalista abusando de foco seletivo e assim meu trabalho acabou ficando palatável e encontrei meu lugar; consegui colocar minhas fotos no mundo. Se bem que esse mundo em que elas orbitam é um mundo ilusório; meus sites e o banco de dados da agência de fotojornalismo que comercializa fotos minhas podem sumir, desaparecer na alguma hora.

E como existe foto em demasia no mundo, minha fotografia está perdida e muito, muitíssimo pouco dela, chega a ver vista e muito menos ainda, apreciada. Porque as pessoas, por causa de tanta imersão na virtualidade, embotaram o olhar. Perderam a capacidade de ver, no meio dessa confusão pantagruélica de cores e sons que esses aparatos de tela que as cercam onipresentes lhes bombardeiam publicitariamente o tempo inteiro, aquelas imagens que são relevantes, sérias, bem-feitas enfim, pelo trabalho que não busca o efeito fácil, o estilo efêmero da moda.

A fotografia de rua é sempre foto de instantâneo porque registra um instante, um cenário fugaz. Dá pra fazer foto em estúdio, com atores, modelos, iluminação artificial, compondo uma cena de ficção. Aí, é claro, não é instantâneo.

Muita boa foto se cria assim, artificialmente, montando um teatro.

Eu não tenho recursos pra fazer isso. Por isso preciso sair na rua e olhar ao redor.

A prática da fotografia nos presenteia com algo de um valor inestimável: a capacidade de olhar. Como disse antes acima, as pessoas se alienaram da vida e do mundo de tanto fixarem seu olhar na tela de telefones "inteligentes" e nas telonas planas de tv, a ponto de elas sequestrarem suas existências terrenas de real encanto, fazendo-as viver o terror dum filme de ficção como Matrix. Plugadas numa realidade irreal, inexistente, falaciosa, se ausentam do mundo. Casais não mais se veem siderados em olhar seus smartphones, assim como faz a maior parte das pessoas no espaço público, ignorando quase totalmente o local que habita.

O ato de fazer selfie ou fotografar compulsivamente com celular não pode, a priori, ser

elencado como prática fotográfica. É ação narcisista, demente. As pessoas ensandeceram em busca de ter reconhecimento, lugar de fala num mundo tão enorme e ininteligível. Iludem-se acreditando que brilham em redes sociais; iludem-se achando que nesses espaços que sequer verdadeiramente existem, possam ser alguém já que no mundo real, não se sentem personagem.

Quando fotografamos com alma, com seriedade, fazendo valer nosso olhar fotográfico, conseguimos enxergar o que nos rodeia. Perceber a luz que envolve e colore as coisas; perceber as relações que se estabelecem entre elas; perceber com fascínio, que em conjunto elas organizam a realidade tão cambiante e nos contam uma história.

Há um artifício vulgarizado de cineasta e de fotógrafos de buscar enquadrar o mundo criando os limites numa tela juntando as mãos que fazem L. Ele exemplifica a ideia de que é preciso escolher quando se olha verdadeiramente ao redor o melhor dos quadros e esse quadro é sempre um instantâneo. Se demorar, ele muda, vira outro e perde sua beleza, sua singularidade.

O bom fotógrafo aprende a fazer isso com rapidez; a escolher entre infinitos quadros, aquele que acha mais atraente. Aprender a escolher só se aprende exercitando e fortalecendo essa capacidade que a necessidade de fotografar bem demanda. Se não, se faz aquilo que, obsessivamente fazem os alienados do mundo, foto horrorosa. De gente com chifre, de gente borrada com luz de padaria ou luz de shopping, autorretrato com fundo de azulejo de banheiro; tudo numa indignância de embrulhar estômago e dar dó. Dó de perceber que essas pessoas estão passando pela vida sem viver e pelo mundo sem o ver.

9. Fotografar, desenhar, gravar, pintar têm pontos em comum? Quais as diferenças, as semelhanças?

A fotografia grava a imagem do mundo através da luz. Essa imagem é um registro do passado; então, não pode ser tomado como uma amostra do mundo pois esse mundo não existe mais.

Não obstante, pode-se afirmar que a imagem que ela produz emulou um instante fugidio do real.

Desenho, pintura, gravura constroem mundos artificiais; não há como competirem com a fidelidade da técnica fotográfica ao seu objeto de apreensão.

Existem muitos pontos de contato entre esses diferentes fazeres e no meu caso particular, me aproveito da vivência de artista plástico que pintou, gravou e desenhou durante tantas décadas e continua a fazê-lo para aproveitá-la na fotografia.

Por isso minhas fotos têm composição inspirada em meus desenhos e gravuras; sua perspectiva, seu enquadramento, são ambos tributários da experiência de artista plástico.

O caráter pictórico da minha fotografia acontece a partir da minha pintura; ela é a sua mestra.

E os mundos imaginários que edifico na gravura, desenho e pintura, têm também como uma das mais expressivas fontes de inspiração, minha fotografia, pois que as bases de

seus mundos repousam nos alicerces do mundo que minha fotografia flagra.

O desenho e a gravura tradicionalmente são comparados à música de câmara. São contidos, revestidos duma seriedade que a pintura não tem por ter cor. A pintura brilha e reverbera feito orquestra sinfônica. Ainda que minhas pinturas sejam pequenas, elas são um amálgama de cores, às vezes até conflitantes e toda essa paleta provoca barulho, embaralha a visão.

Minha fotografia, irmã da minha pintura, causa efeito parecido porque a cor é demasiada e é saturada. Além disso, ao trabalhar com foco seletivo, essa cor se aquarela e mais se aproxima da minha pincelada.

A experiência de olhar uma pintura e uma fotografia minha é semelhante. Não há necessidade de grande concentração; o olhar pode passear à toa pelo primeiro plano para, sem afobação, ir devagar penetrando nas outras camadas.

Na gravura, especialmente na xilogravura de topo isso não é possível. É preciso estar atento e forte, - como canta a música do Caetano -, para efetivamente penetrar seus labirintos, decifrar o enigma que seu desenho tortuoso e repleto de filigranas oculta e que, quase sempre, choca e deixa um travo de pessimismo.

Já a fotografia e a pintura por solares, ainda que desnudem situações existenciais tristes, injustas, não causam esse impacto melancólico de imediato; é preciso ir abaixo da sua epiderme para então ouvir sua fala inconformada com clareza.

10. O que você recomendaria a um artista que está iniciando sua carreira?

Nunca ensinei arte. Minha experiência como professor ou mestre à maneira de Carelli, por exemplo, é zero.*

Então, para responder essa sua pergunta, vou me valer do conselho que me deu um professor que admiro. Foi no segundo ano do colegial; era um professor de filosofia, matéria que eu gostava bastante na época. Na minha primeira sabatina tive um desempenho que lhe agradou muito e, no cabeçalho da prova avaliada e devolvida, ele deixou-me um recado escrito que nunca mais esqueci: antevejo para você um futuro brilhante; precauvenha-se contra o orgulho e prossiga.

Futuro brilhante não tive porque, como artista, não brilhei e não brilho. Estou à margem do mercado de arte e sou ignorado pela mídia da área. Não sei como será o tempo incerto que me resta. Como Machado disse pela boca de Brás Cubas, não tive filhos, "não vou transmitir a nenhuma criatura o legado da nossa miséria". Mas vou deixar minha obra de artista, a produção quase inteira de uma vida que acumulei, empilhei, engavetei ocupando grande espaço e não mansão de novo rico para decorar parede combinando com sofá. É quase certo que essa obra morra junto comigo e nesse destino vou me igualar a incontáveis artistas do mundo inteiro que falecem a cada minuto.

Se por um lado o prognóstico do meu admirado professor não se realizou, é verdade que eu tentei, sufocando minha vaidade, não ter, não ser, orgulhoso.

O conselho que posso passar aos jovens artistas será esse que recebi do meu querido

professor Aluísio Vieira que, coincidentemente, foi artista plástico, um renomado pintor sacro:

Precavenha-se contra o orgulho e prossiga.

Esse conselho não vale só para jovem artista, mas para qualquer pessoa. A egolatria que hoje contamina o tecido adoecido da sociedade de massa e consumo em que nos afogamos e abarrota a internet com bilhões de selfies é o maior inimigo de uma vida decente. É preciso ser humilde; estar sempre disponível para ver e ouvir e aprender enquanto estivermos vivos. É preciso ter em mente que de nada vale alimentar a soberba posto que mesmo aqueles que brilham hoje, amanhã poderão não brilhar mais devorados pela voragem da história.

*Nota do autor: Antonio Carelli (Mumbuca/Capivari, SP, 1926 - Caraguatatuba, SP, 2021) foi pintor, desenhista, ceramista, mosaicista e professor. Estudou pintura com Takaoka. Em 1948, juntamente com Geraldo de Barros e outros, criou o Grupo 15 (Jacaré). Em 1950, mudou-se para a França, radicando-se em Paris, onde permaneceu por 10 anos. Na capital francesa, frequentou o ateliê de pintura de André Lhote, em Montparnasse e os cursos livres de desenho da Académie Julian e da Académie de la Grande Chaumière. Em 1952, ingressou no Curso de Mosaico de Ravena, dirigido por Gino Severini, em Paris. No ano seguinte, estagiou em Ravena, na Itália. Participou da equipe chefiada por Lino Melano que realizou os murais do Hospital Franco-Americano, em Saint-Lô, a partir de maquetes de Fernand Léger. Em 1956, integrou a equipe que realizou o mural do Edifício do Gaz de France, em Alfortville, também a partir de maquete de Fernand Léger. Em 1957, montou ateliê no bairro de Puteaux, no subúrbio de Paris. Conheceu o pintor Simon Segal, da Escola de Paris, e recriou em mosaico várias de suas obras, as quais foram expostas, em 1959, no Museu Bourdelle, em Paris. Por esses trabalhos, Carelli foi considerado um dos renovadores da arte do mosaico na França. De volta ao Brasil, dedicou-se à sua carreira de artista plástico e também à de professor universitário. Em 1986, transferiu-se para Caraguatatuba, onde desenvolveu profícuo trabalho nessas vertentes. A exposição *Márcio Pannunzio - Quatro Décadas*, realizada no Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba, ocupou três espaços expositivos do museu, entre eles a Sala Antônio Carelli, a maior de todas. Márcio Pannunzio fotografou a última exposição de Carelli em São Sebastião e noticiou seu falecimento em 2021 na sua coluna de opinião no Nova Imprensa: <https://novaimpressao.com/2021/02/foto-em-foco-carelli-morreu.html>



Congada de Ilhabela na festa de São Benedito, fotografia, 2018



Congada de Ilhabela na festa de São Benedito, fotografia, 2018



Um dia de prazer, fotografia, 2019



Um dia de prazer, fotografia, 2021



Página anterior:
Farofada, fotografia, 2020 e *Deitado em berço esplêndido*, fotografia, 2019

Esta página:,
Ensandecimento, fotografia, 2016 e *O grito*, fotografia, 2020



Abaixo:
Agônica, fotografia, 2022 e *Estou com fome feliz*, fotografia, 2019

À direita:
Fora Bozo, fotografia, 2021 e *Inferno*, fotografia, 2022







Dino Pannunzio, pai de Márcio, aos 22 anos de idade.



Maria Antonia Andrade Pannunzio, mãe, aos 18 anos.



Márcio Pannunzio e Luizeta, em Casa Branca, SP, 1959.



Adelina Pannunzio com Márcio nos braços, Maria Witecosky Andrade, Maria Antonia Andrade Pannunzio (Marita) e, em frente, Nora Maria Andrade Pannunzio Barbero Schimmelpfeng e Luiz Fernando Andrade Pannunzio.



À direita, Dino Pannunzio, com Márcio nos braços, acompanhado dos dois outros filhos mais velhos, Luiz e Nora. Ao centro, Márcio e sua irmã caçula Renata Maria Pannunzio, no Guarujá e, à direita, Márcio no dia da primeira comunhão.

Cronologia

1958

Márcio Pannunzio nasce em Casa Branca, SP, filho de Dino Pannunzio e de Maria Antônia Andrade Pannunzio. Desde muito cedo, manifesta interesse pela arte, sobretudo pelo desenho, incentivado por Maria Witecosky Andrade, sua avó materna e Adelina Pannunzio, sua tia.

1962

Muda-se para Sorocaba, SP, cidade natal dos Pannunzios no Brasil.

1965-1976

Faz o curso primário na Escola Estadual Antônio Padilha e o curso secundário na Escola Estadual Dr. Júlio Prestes de Albuquerque, em Sorocaba, ambas públicas. Durante o curso primário, vence concurso de desenho na escola.

1978

Com 19 anos de idade, muda-se para São Paulo, SP.

1979

Ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade da Universidade de São Paulo (FAU/USP) abandonando-a em 1982.

1981

Paralelamente, é admitido na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, interrompendo o curso também em 1982. Volta então para Sorocaba, onde permanece até 1985, trabalhando com a sua família.

Participa, pela primeira vez, de um salão de arte: o 4º Salão Nacional de Artes Plásticas, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ.

1982

10º Salão de Arte Contemporânea de Santo André, Paço Municipal, Santo André, SP.

4ª Mostra Nova, Centro de Artes Shopping News, São Paulo, SP.

9º Salão de Arte Jovem, Centro Cultural Brasil Estados Unidos, Santos, SP.

15º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba, Casa das Artes Plásticas Miguel Arcanjo Benício de Assumpção Dutra, Piracicaba, SP.

II Salão de Artes Visuais de Rio Claro, Centro Cultural Roberto Palmari, Rio Claro, SP.

V Salão Jovem de Arte Contemporânea, Centro Cívico, Santo André, SP.



Márcio e Tana em Sorocaba, namorados, 1976.



Márcio, Maringelli e Tana na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, 1983.

1983

Interiores: linoleogravuras, em conjunto com Francisco José Maringelli, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo, SP.

Feira da Cultura, prédio da Bienal, São Paulo, SP.

2º Salão Senac de Artes Plásticas, Galerias de Arte do Senac das cidades paulistas de Araçatuba, Araraquara, Bauru, Campinas, Catanduva, Guaratinguetá, Marília, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Santo André, Santos, São Carlos, São José do Rio Preto, São Paulo (SENAC Perdizes), Sorocaba e Taubaté.

16º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba, Casa das Artes Plásticas, Piracicaba, SP.

6º Salão Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, RJ.

1984

Ingressa na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, deixando-a no ano seguinte.

2ª Exposição do Espaço Cultural DHL, Espaço Cultural DHL, São Paulo, SP.

6ª Mostra de Gravura Cidade de Curitiba, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, PR.

12º Salão de Arte Contemporânea de Santo André, Centro Cívico, Santo André, SP.

XI Salão de Arte Jovem - Primeira Mão, Centro Cultural Brasil-Estados Unidos,

Santos, SP.

17º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba, Pinacoteca Municipal Miguel Dutra, Piracicaba, SP.

Presença - Exposição Coletiva de Artes Plásticas, SENAC, Sorocaba, SP.

6º Salão de Artes Plásticas de Presidente Prudente, Palácio da Cultura, Presidente Prudente, SP. Prêmio Aquisição.

II Salão Paulista de Arte Contemporânea, Paço das Artes, São Paulo, SP.

7º Salão Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, RJ.

1985

Retorna a São Paulo, morando na Vila Madalena, na rua do beco do Batman.

2º Salão Paulista de Arte Contemporânea, Museu da Imagem e do Som, São Paulo, SP.

16º Salão Nacional de Arte, Museu de Arte de Belo Horizonte, Belo Horizonte, MG.

13º Salão de Arte Contemporânea de Santo André, Centro Cívico, Santo André, SP.

3ª Mostra Coletiva 1985, Espaço Cultural DHL, São Paulo, SP.

X Salão de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto, Casa de Cultura, Ribeirão Preto, SP.

5º Salão de Artes Plásticas de Marília, Pinacoteca Municipal, Marília, SP.

2º Prêmio Pirelli de Pintura Jovem, Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, SP.



À esquerda, autorretrato em frente ao espelho; acima, Márcio gravando; à direita, cartaz *Incisões Lino-xilogravuras*, criado por Francisco Maringelli.



XII Salão de Arte Jovem "Primeira Mão", Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, Santos, SP.

38º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, Galeria Metropolitana de Arte Aloísio Magalhães, Recife, PE.

2º Salão Nacional de Artes Plásticas de Goiânia, Shopping Flamboyant, Goiânia, GO.

18º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba, Casa das Artes Plásticas, Piracicaba, SP, Prêmio Aquisição.

2th Cabo Frio International Print Biennial, Sala de Exposição Cândido Portinari - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, RJ; Escola Superior de Desenho Industrial - ESDI, Rio de Janeiro, RJ; Museu de Arte Contemporânea de Campinas, Campinas, SP; IBILSE - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP; Instituto de Artes do Planalto, São Bernardo do Campo, SP; Casa da Gravura/Fundação Cultural de Curitiba, Curitiba, PR; Museu de Arte de Joinville, Joinville, SC; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS; Museu da Gravura Brasileira, Bagé, RS; Museu de Arte de Alegrete, Alegrete, RS.

1986

Gravuras, em conjunto com Gil D'Silva, Casa da Gravura, Fundação Cultural de Curitiba, Curitiba, PR.

14º Salão de Arte Contemporânea de Santo André, Paço Municipal, Santo André, SP.

7ª Mostra da Gravura Cidade de Curitiba, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, Curitiba, PR.

39º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, Galeria Metropolitana de Arte Aloísio Magalhães, Recife, PE.

43º Salão Paranaense, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, PR. XIII Salão de Arte Jovem Primeira Mão, Centro Cultural Brasil - Estados Unidos, Santos, SP.

1ª Bienal Artoeste de Artes Plásticas em Presidente Prudente, Palácio da Cultura, Presidente Prudente, SP.

1987

Incisões: gravuras em relevo, em conjunto com Francisco José Maringelli e Tarcísio Tatit Sapienza no Paço das Artes, São Paulo, SP.

1ª Coletiva de Novos - Pintura - Gravura - Desenho - Fotos, Espaço Cultural Casper Líbero, São Paulo, SP.

15º Salão de Arte Contemporânea Santo André, Salão de Exposições, Centro Cívico, Santo André, SP.

1ª Bienal Internacional de Gravura, Museu de Arte Contemporânea de Campinas José Pancetti, Campinas, SP.

XX Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba, Hall do Teatro Municipal, Piracicaba, SP. Menção Honrosa.

Salão de Arte Contemporânea de Pernambuco - Edição 1987, Galeria Metropolitana de Arte Aloísio Magalhães, Recife, PE.

44º Salão Paranaense, Museu de Arte



8ª Bienal de San Juan del Grabado Latinoamericano y del Caribe, 1988.

Em 1989, casa-se com Tana e muda-se para Ilhabela, instalando-se no morro do Espinho, no bairro da Cocaia. À direita, a residência e ateliê atual do artista.



Contemporânea do Paraná, Curitiba, PR.
XIV Salão de Arte Jovem Primeira Mão, Centro Cultural Brasil - Estados Unidos, Santos, SP.
First Prints Expo Campinas/87, Museu de Arte Contemporânea de Campinas José Pancetti, Campinas, SP.

1988

1ª Coletiva de Novos do Espaço Cultural Casper Líbero, Espaço Cultural Casper Líbero, São Paulo, SP.
3ª Coletiva de Novos do Espaço Cultural Casper Líbero, Espaço Cultural Casper Líbero, São Paulo, SP.
8ª Bienal de San Juan del Grabado Latinoamericano y del Caribe, Instituto de Cultura Puertorriqueña, San Juan, Porto Rico.
16º Salão de Arte Contemporânea de Santo André, Paço Municipal, Santo André, SP.
4º Salão de Arte Contemporânea de Americana, Museu de Arte Contemporânea de Americana, Americana, SP.
XV Salão de Arte Jovem "Primeira Mão", Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, Santos, SP.
44º Salão Paranaense, Museu de Arte Contemporânea, Curitiba, PR.

1989

Casa-se com Tana Adélia Lopes e muda-se para Ilhabela, Litoral Norte do Estado de São Paulo, passando a residir na encosta do Morro do Espinho, no bairro

da Cocaia.
Márcio Pannunzio Xilogravuras, exposição individual, Itaugaleria Higienópolis, São Paulo, SP.
5º Salão de Arte Contemporânea de Americana, Museu de Arte Contemporânea de Americana, Americana, SP.

1991

The 5th International Biennial Print Exhibition 1991 R.O.C., Taipei Fine Arts Museum, Taipei, Taiwan.
14º Salão Nacional de Artes Plásticas, Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro, RJ.

1992

Márcio Pannunzio Xilogravuras, exposição individual, Itaugaleria, Vitória, ES.
10ª Mostra da Gravura Cidade de Curitiba, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, Curitiba, PR. Prêmio Aquisição.

1993

Márcio Pannunzio Gravuras, exposição individual, Galeria Espaço Alternativo, Instituto Brasileiro de Arte e Cultura/ Fundação Nacional de Artes, Rio de Janeiro, RJ.
Gravuras, em conjunto com Alexandre Alves Batista, Sala Gilda Belczak, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, Curitiba, PR.
IV Bienal Nacional de Santos, Centro de Cultura Patrícia Galvão, Santos, SP.
50º Salão Paranaense, Museu de Arte



Com a série *O triunfo da morte*, Márcio Pannunzio conquistou o 3º Prêmio Xilon numa das mostras de xilogravura mais importantes do mundo, 1994.

Com sua participação na IX Bienal Iberoamericana de Arte, no México, Márcio consolida presença em certames da América Latina, 1994.



Contemporânea do Paraná, Curitiba, PR.
Xilogravura: do cordel à galeria,
Fundação Espaço Cultural da Paraíba,
João Pessoa, PB.

X Bienal de San Juan del Grabado
Latinoamericano y del Caribe, Instituto de
Cultura Puertorriqueña, San Juan, Porto
Rico.

The First International Print Biennial
Maastricht 1993 The Netherlands,
Congress Centre, Maastricht, Holanda.

1994

Márcio Pannunzio Gravuras, exposição
individual, Centro Cultural Patrícia
Galvão, Santos, SP.

Márcio Pannunzio Grabados, exposição
individual, Museo del Grabado
Latinoamericano del Caribe, San Juan,
Porto Rico.

Xilogravura: do cordel à galeria, Museu
de Arte de São Paulo, São Paulo, SP.

Xilogravura: do cordel à galeria,
Companhia do Metropolitano de São
Paulo, São Paulo, SP.

51º Salão Paranaense, Museu de Arte
Contemporânea, Curitiba, PR. Menção
Honrosa.

14º Salão Nacional de Artes Plásticas,
Palácio Gustavo Capanema, Rio de
Janeiro, RJ.

1ª Bienal Nacional da Gravura, SENAC,
São José dos Campos, SP. Prêmio
Aquisição.

IX Bienal Iberoamericana de Arte Dibujo
Y Estampa Iberoamericanos, Palacio de
Bellas Artes, Ciudad de México, México.

3º Concurso Internacional de Mini
Grabados, Museo Municipal, Cidade de
Ourense, Espanha. Primeiro Prêmio.
XILON 12 – International Triennial
Exhibition of Artistic Relief Printing,
Gewerbemuseum, Winterthur, Suíça, e
em outros espaços culturais da Suíça,
França, Alemanha, Itália, Bélgica,
Canadá, Suécia e República Tcheca
(1994-1996). Terceiro Prêmio Xylon.
13th International Triennial of Original
Graphic Prints, Parktheater, Grenchen,
Suíça.

1995

Márcio Pannunzio Gravuras, exposição
individual, Casa de Xilogravura, Campos
do Jordão, SP.

Márcio Pannunzio Gravuras, exposição
individual, Museu de Gravura Cidade de
Curitiba, Sala Gilda Belczak, Curitiba, PR.
5ª Bienal Nacional de Santos, Centro
Cultural Patrícia Galvão, Santos, SP.

XI Mostra de Gravura Cidade de Curitiba,
Fundação Cultural de Curitiba, Museu da
Gravura da Cidade de Curitiba, Curitiba,
PR.

52º Salão Paranaense, Museu de Arte
Contemporânea do Paraná, Curitiba, PR.
3º Salão Victor Meirelles, Museu de Arte
de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
Menção Honrosa.

XI Bienal de San Juan del Grabado
Latinoamericano y del Caribe, Instituto de
Cultura Puertorriqueña, Museo del Arsenal,
San Juan, Porto Rico. Menção honrosa.
21th International Biennial of Graphic Art,



1995

Nos anos 1990 e na primeira década do novo milênio, Márcio Pannunzio intensificou sua participação em mostras internacionais. Aqui estão algumas dessas exposições: *11th Norwegian Print Triennale, Noruega; Premio Internazionale Biella per l'Inisione, Itália; Xylon 13, Suíça e outros países; 9th and 10th International Exhibition Small Graphic Form, Polônia.* Em paralelo, continuou participando ativamente do movimento artístico nacional.



1996

Moderna Galerija, Ljubljana, Eslovênia.
Mini Biennial 1995, Olofstrom, Suécia.
12º Concurso Internacional de Grabado Máximo Ramos, Museo Municipal de Ferrol, Ferrol, Espanha.
15ª Mini Print Internacional de Cadaqués, Taller Galeria Fort, Barcelona, Espanha.
11th Norwegian Print Triennale, Fredrikstat Bibliotek, Fredrikstad Library, Fredrikstad, Noruega.
Muestra Internacional de Minigrabado MIG-95, Baumann Servei Jove, Terrassa, Espanha.

1996

1º Salão SESC de Gravura, SESC Copacabana, Rio de Janeiro, RJ.
IV Salão Victor Meirelles, Museu de Arte de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
53º Salão Paranaense, Museu de Arte Contemporânea, Curitiba, PR.
2º Salão Unama de Pequenos Formatos, Galeria de Arte da Universidade da Amazônia, Belém, PA.
XXI Salão de Arte de Ribeirão Preto Nacional – Contemporâneo, Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP.
XX Salão de Artes Plásticas de Franca, Pinacoteca Municipal Miguel Ângelo Pucci, Franca, SP.
XIX Salão de Artes Plásticas Waldemar Belisário, Ilhabela, SP. Menção Honrosa.
The 3rd Sapporo International Print Biennale Exhibition, Hokkaido Modern Art Museum, Sapporo, Hokkaido, Japão.
Premio Internazionale Biella per l'Inisione 1996 3ª edizione, Palazzo della

Regione, Biella, Itália.
14ª Bienal de Ibiza – IBIZGRAFIC'96, Museu d'Art Contemporani d'Eivissa, Ibiza, Espanha.
9th International Exhibition Small Graphic Forms, Galeria Willa, Lodz, Polônia.

1997

Márcio Pannunzio Gravuras, exposição individual, Galeria de Arte da Universidade da Amazônia, Belém, PA.
Márcio Pannunzio Gravuras, exposição individual, Galeria Parangolé, Espaço Cultural 508 Sul, Brasília, DF.
Pannunzio & Maringelli - gravuras, Galeria de Arte da Casa do Brasil, Universidade Complutense de Madrid, Madrid, Espanha.
54º Salão Paranaense, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, PR.
3º Salão Unama de Pequenos Formatos, Galeria de Arte da Universidade da Amazônia, Galeria de Arte, Belém, PA.
Grande Prêmio Aquisitivo.
Arte Pará 1997 Fronteiras, Palácio Lauro Sodré, Museu do Estado, Belém, PA.
Saja - Salão de Arte de Jacareí 97, Oficina de Arte Santa Helena, Jacareí, SP.
XYLON 13 - International Triennial Exhibition of Artistic Relief Printing, Gewerbemuseum, Winterthur, Suíça e outros países (1997-1998).
19th International Independante Exhibition of Prints in Kanagawa'97, Kanagawa Prefectural Gallery, Kanagawa, Japão.
17º Mini Print Internacional de Cadaqués,



1996



1997



1999

Taller Galeria Fort, Cadaqués, Catalunha, Espanha.

XII Premio Internacional de Gravado Maximo Ramos, Centro Cultural Municipal de Ferrol, Ferrol, Espanha.

The Fifth International Art Triennale Majdanek, "The Summer Gallery" of the Majdanek State Museum, Lublin, Polônia.

1998

Traço, trama e corte, em conjunto com Francisco José Maringelli e Martín Garcia Rivera, Galeria do Atelier Piratininga, São Paulo, São Paulo.

Pannunzio & Maringelli, Galeria de Arte da Casa do Brasil, Universidade Complutense de Madrid, Madrid, Espanha.

6º Salão de Artes Cidade de Itajaí, Casa da Cultura Dide Bandão, Itajaí, SC.

54º Salão Paranaense, Museu de Arte Contemporânea, Curitiba, PR.

2º Salão SESC de Gravura, SESC Copacabana, Rio de Janeiro, RJ. Menção Honrosa.

Mapa Cultural Paulista 98, Memorial da América Latina, São Paulo SP.

3rd Egyptian International Print Triennale, National Centre of Fine Arts - Giza, Cairo, Egito.

12ª Bienal de San Juan del Grabado Latinoamericano y del Caribe, Arsenal de la Marina, San Juan, Porto Rico.

3th International Miniprint Triennial, Tama Art University, Tokio, Japão.

18ª Mini Print Internacional de Cadaqués, Taller Galeria Fort, Barcelona, Espanha.

Muestra Internacional de Minigrabado

MIG-98, Baumann Servei Jove, Terrassa, Espanha.

15ª Bienal de Ibiza – IBIZGRAFIC'98, Museu d' Art Contemporani d' Eivissa, Ibiza, Espanha.

1999

Mostra Rio Gravura. São Paulo gravura hoje, Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro, RJ.

The 4th Kochi International Exhibition of Prints, Ino-cho Paper Museum, Kochi, Japão.

3rd KIWA Exhibition, Kyoto International Community House, Kyoto, Japão.

Biennale Internationale d'Estampe Contemporaine de Trois-Rivières Première

Édition, Trois-Rivières, Maison de la Culture de Trois-Rivières and Galerie

d' Art du Park de Trois-Rivières, Trois-Rivières, Canadá. Menção Honrosa

Banque Nationale du Canadá.

12th German International Exhibition of Graphic Art, Staatsaal, Frenchen, Alemanha.

The International Festival of Graphic Arts Cluj-Napoca 1999, National Museum of Art Cluj-Napoca, Cluj - Napoca, Romênia.

11º Encuentro de Mini Expresión – Arte por Computadora y Grabado, Galeria de Arte Universitaria, Universidad de Panamá, Panamá.

Intimate Impressions: Art from Pan America, Manitoba Printmakers Association, Winnipeg, Canada.

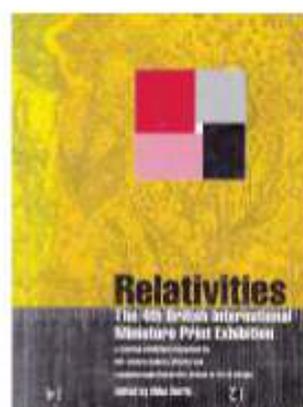
10th International Print Biennial Varna'99, Art Gallery, Varna, Bulgária.



1999



1999



2000

Small Graphic Forms, Galeria Willa, Lodz, Polônia.

12ª Mostra de Gravura Cidade de Curitiba, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, Curitiba, Paraná.

2000

Márcio Pannunzio Xilografias, exposição individual, Museo Provincial de Dibujo y Grabado Guaman Poma, Concepción del Uruguay, Entre Rios, Argentina.

12ª Mostra da Gravura de Curitiba / Mostra Brasil, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, PR.

3rd International Biennial Racibórz 2000 Poland, Galeria Zyhdi, Racibórz, Polônia. Menção Honrosa Gazeta Lokalna Raciborska.

The 4th British International Miniature Print Exhibition, Bankside Gallery, Home of the Royal Watercolour Society and the Royal Society of Painter - Printmakers, Londres, Inglaterra.

Primer Salón de Arte Postal, Fundación Jose Antonio Anzóategui & MR Arte Contemporâneo, Fundación Jose Antonio Anzóategui & MR Arte Contemporâneo, Pamplona, Colômbia.

The 5th Sapporo International Print Biennale Exhibition, Hokkaido Modern Art Museum, Sapporo, Hokkaido, Japão.

10th Gielniak Graphic Art Competition, Karkonoskie Museum, Jelenia Góra, Polônia.

The 1st Cheju International Prints Art Festival, Cheju City Student's Center and Seogwipo City Kidang Museum, Cheju, Coréia do Sul.

The Postcompetition Show, District Museum in Jelenia Góra, Jelenia Góra, Polônia.

VI International Art Triennale Majdanek 2000, Summer Gallery of the Majdanek State Museum, Lublin, Polônia.

Intergrafia - 2000, World Awards Winners Gallery, Municipal Art Gallery in Czestochowa, Katowice and Czestochowa, Polônia.

3th International Triennial of Graphic Arts Bitola, The Art Gallery, Bitola, Macedônia.

2001

Márcio Pannunzio Xilografias, exposição individual, Museo Nacional del Grabado, Buenos Aires, Argentina.

Márcio Pannunzio Xilografias, exposição individual, Museo Municipal de Artes Visuales Sor Josefa Diaz y Clucellas, Santa Fé, Argentina.

26º Salão de Arte de Ribeirão Preto Nacional - Contemporâneo, Casa da Cultura, Ribeirão Preto, SP. Prêmio Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto.

I Bienal Nacional de Gravura Olho Latino, SESC, Piracicaba, SP e Espaço Cultural do Instituto Agrônomo, Campinas, SP.

VII Salão Unama de Pequenos Formatos, Galeria da Universidade do Amazonas, Belém, PA. Prêmio Aquisição.

1ª Bienal de Gravura de Santo André, Salão de Exposições do Paço e no saguão do Teatro Municipal, Santo André, SP.

33º Salão de Arte Contemporânea Piracicaba 2001, Engenho Central, Armazém 14a, Piracicaba, SP. Prêmio



2001



2001



2001



2001

Aquisitivo Prefeitura Municipal.
 III International Mini-Print Biennial Cluj, National Art Museum, Cluj-Napoca, Romênia. Menção Honrosa.
 11th Gieniak Graphic Art Competition, Muzeum Karkonoskie, Jelenia Góra, Polônia.
 2nd International Small Engraving Exhibition - Cremona 2001, Museo Civico, Cremona, Itália.
 International Miniature Print Exhibition 2001 - Connecticut Graphic Arts Center, The Center for Contemporary Printmaking, Norwalk, Connecticut, Estados Unidos.
 III Festival de Gravura, Teoartis, Centro de Atividades Artísticas, Évora, Portugal.
 64th Annual Exhibition of the Society of Wood Engravers, Bankside Gallery, Home of the Royal Watercolour Society and the Royal Society of Painter - Printmakers, Londres, Inglaterra.
 Fourth International Miniprint Triennial - Finland 2001, Lahti Art Museum, Lahti, Finlândia.
 Itart 2001 - 3rd Mini Graphic World Wide Show, Pisa, Itália.
 11th International Biennial Varna 2001, Graphic Art Gallery, Varna, Bulgária.
 Fifth Bharat Bhavan International Biennial of Print Art 2001 Bhopal Índia, ROOPANKAR Museum of Fine Arts, Bhopal, Índia.
 Itart 2001 3rd Mostra Mondiale de Mini Grafica & Pintura, Centro Esposizioni Pisa Arte, Pisa, Itália.
 First International Biennial of Mini-Prints-

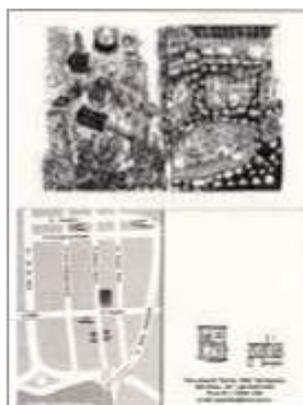
Tetovo Macedonia, National Institution of Museum of Tetovo Area, Tetovo, Macedônia.
 Ural print Triennial, Nesterov Bashkir State Art Museum, Ufa, Rússia.

2002

Recebe a Bolsa Vitae de Artes para desenvolvimento de projeto no campo da xilogravura.
 Márcio Pannunzio Tristes Trópicos & Outras Estórias, exposição individual, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, Curitiba, PR.
 Márcio Pannunzio Xilografias, exposição individual, Museo Municipal de Bellas Artes Lucas Bráulio Areco, Posadas, Argentina.
 10º Salão Paulista de Arte Contemporânea, Complexo Cultural Júlio Prestes, Boulevard São Bento, Instituto Cultural Galeria do Rock, Edifício Copan, Espaço Cultural BM&F, Funarte/SP, São Paulo, SP. Prêmio Secretaria de Estado da Cultura.
 9º Salão de Arte Contemporânea, Espaço Henfil de Cultura, São Bernardo do Campo, SP.
 Arte Pará 2002, Museu do Estado do Pará, Galeria Residência, Belém, PA.
 8º Salão Unama de Pequenos Formatos, Galeria da Universidade do Amazonas, Belém, PA.
 VI Bienal do Recôncavo, Centro Cultural Dannemann, São Félix, BA.
 2ª Muestra Internacional de Miniprint de Rosario, Facultad de Humanidades Y



2002



2003



Pannunzio, Maringelli e Tana, São Paulo, 2005.

Artes – Universidad Nacional de Rosario, Rosario, Santa Fé, Argentina. Menção Honrosa.

The 5th Kochi International Triennial Exhibition of Prints, Ino-cho Paper Museum, Kochi, Japão.

13th German International Exhibition of Graphic Art, Staatsaal, Frenchen, Alemanha.

International Contemporary Print Arts Festival 2002 Korea, Seoul Museum of Art, Seou, Coréia do Sul.

2ª Bienal Argentina de Gráfica Latinoamericana, Museo Nacional del Grabado, Buenos Aires, Argentina.

65th Annual Exhibition of the Society of Wood Engravers, Bankside Gallery, Home of the Royal Watercolour Society and the Royal Society of Painter - Printmakers, Londres, Inglaterra.

Concurs Internacional de Gravat, Premi El Caliu 2002, Institut de Cultura de la Ciutat d'Olot, Olot, Província de Girona, Espanha.

16º Premio de Grabado Maximo Ramos, Centro Torrente Ballester, Ferrol, A Coruña, Espanha.

2003

Sulcos n'Alma, em conjunto com Francisco José Maringelli, Graphias, São Paulo, SP.

16 Gravadores Brasileiros, Galeria Gravura Brasileira, São Paulo, SP.

2ª Bienal de Gravura de Santo André, Sala de Exposições do Paço Municipal, Santo André, SP. Prêmio Edição.

35º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba, Pinacoteca Municipal Miguel Dutra, Piracicaba, SP.

1º Salão de Arte Contemporânea de São Bernardo do Campo, Espaço Henfil de Cultura, São Bernardo do Campo, SP.

2ª Bienal da Gravura, Fundação Espaço Cultural da Paraíba, João Pessoa, PB. Prêmio Aquisição.

3º Salão Nacional de Arte de Goiás, Flamboyant Shopping Center, Goiânia, GO.

6º Salão Elke Hering: Mostra Nacional Contemporânea de Artes Visuais, Galeria Municipal de Arte, Blumenau, SC.

11º Salão Municipal de Artes Plásticas – Fundação Cultural de João Pessoa, João Pessoa, PB.

IX Salão Unama de Pequenos Formatos, Galeria da Universidade do Amazonas, Belém, PA.

Traços e Formas na Gravura Contemporânea Brasileira, Galeria de la Casa Guayasamin, Havana, Cuba.

XII Encontro de Artes Plásticas de Atibaia, Centro de Convenções e Eventos Victor Brecheret, Atibaia, SP. Menção Honrosa.

11th International Biennial of Small Graphic Forms and Ex-Libris, Ostrów Wielkopolski, Polônia.

12th International Print Biennial, Graphic Art Gallery, Varna, Bulgária.

Asia Print Adventure, Hokkaido Museum of Modern Art, Hokkaido, Japão.

4th Egyptian International Print Triennale, The Palace of Arts in Gezira, Centre of Arts in Gezira, Art Gallery of the Cairo



2003



2004

Opera House, The Museum of Fine Arts in Alexandria, Cairo e Alexandria, Egito.

The International Festival of Graphic Arts, National Art Museum, Cluj-Napoca, Romênia.

Biennale de l'Estampe de Saint-Maur, Musée de Saint-Maur, Saint-Maur, França.

6ª Triennale Mondiale d'Estampes Petit Format 2003 de la Ville de Chamalières, Chamalières, França.

Premi Acqui – VI Biennale Internazionale per l'Incisione, Museo della Biennale Internazionale per l'Incisione, Acqui Terme, Itália.

Concurs Internacional de Gravat, Premi El Caliu 2003, Institut de Cultura de la Ciutat d'Olot, Olot, Província de Girona, Espanha.

11th Gielniak Graphic Art Competition, Muzeum Karkonoskiego, Jelenia Góra, Polônia.

International Mini-Print and Bookplate Exhibition European Cities, National Museum of Art, Cluj-Napoca, Romênia.

Fourth International Triennial of Graphic Art Bitola, Institute, Museum and Gallery, Bitola, Macedônia.

Second International Biennial of Mini Prints, Museum of Tetovo, Tetovo, Macedônia.

5ª Biental Nacional del Grabado en Relieve – 1ª Iberoamericana XYLON Argentina, Museo Nacional del Grabado, Buenos Aires, Argentina.

2004

16º Salão de Artes Plásticas Nacional

de Praia Grande, Galeria Nilton Zanotti, Palácio das Artes, Praia Grande, SP. Primeiro Prêmio.

29º Salão de Arte de Ribeirão Preto, Museu de Arte de Ribeirão Preto Manuel-Gismondi, Ribeirão Preto, SP.

Salão de Arte Contemporânea, Residência Olivo Gomes, São José dos Campos, SP.

XIII Encontro de Artes Visuais de Atibaia, Centro de Convenções e Eventos Victor Brecheret, Atibaia, SP.

Para ver de(s)perto, Galeria da Faculdade de Artes Visuais da UFG, Goiânia, GO.

11º Salão da Bahia, Museu de Arte Moderna, Salvador, BA.

Impressões: panorama da xilogravura brasileira, Santander Cultural, Porto Alegre, RS.

VII Biental do Recôncavo, Centro Cultural Dannemann, São Félix, BA. Menção Honrosa.

III Biental Argentina de Gráfica Latinoamericana / 1ª Iberoamericana Xylon Argentina, Museo Nacional del Grabado, Buenos Aires, Argentina. Menção Honrosa.

Concurs Internacional de Gravat, Premi El Caliu, Institut de Cultura de la Ciutat d'Olot, Olot, Província de Girona, Olot, Província de Girona, Espanha.

5th International Miniprint Finland, The Lahti Art Museum, Lahti, Finlândia.

6th Bharat Bhavan International Biennial of Print Art, Roopankar Museum of Fine Arts, Bharat Bhavan, Índia.

4th International Triennial of Graphic Arts, Praga, República Checa.



2004



2005



2005

5th British International Miniature Print Exhibition, Gracefield Arts Centre, Dumfries, Inglaterra.

7th International Art Triennale, Office of the Marshall of Lublin, Volvodeship, Lublin, Polônia.

International Mini Print de Saravejo 2004, Saravejo, Bósnia-Herzegovina.

67th Annual Exhibition of the Society of Wood Engravers, Bankside Gallery, Home of the Royal Watercolour Society and the Royal Society of Painter - Printmakers, Londres, Inglaterra.

International mini Print Salon Graphium 2004, Art Museum Timisoara, Timisoara, Romênia.

VII International Art Triennale Majdanek 2004, Majdanek State Museum, Lublin, Polônia.

2005

O grotesco em miniatura Márcio Pannunzio, exposição individual, Casarão 34, Fundação Cultural de João Pessoa, João Pessoa, PB.

10º Salão de Artes de Itajaí, Centro de Eventos do Itajaí Shopping, Itajaí, SC. Menção Especial do Juri.

7ª Bienal do Recôncavo, Centro Cultural Dannemann, São Félix, BA. Menção Honrosa.

11º Salão Unama de Pequenos Formatos, Galeria da Universidade do Amazonas, Belém, PA.

XIV Encontro de Artes Plásticas de Atibaia, Centro de Convenções e Eventos Victor Brecheret, Atibaia, SP.

17º Salão de Artes Plásticas, Palácio das Artes, Praia Grande, SP.

4º Concurso de Artes Visuais de Jataí - GO, Museu de Arte Contemporânea, Jataí, GO. 3º Prêmio.

3ª Muestra Internacional de Miniprint de Rosario, Argentina. Prêmio Especial Latinoamericano.

La Jeune Gravure Brésilienne, Galérie Michele Broutta, Île-de-France, Paris, França.

1st International Small Size Engraving Salon Inter-Grabado, Fundación Lolita Rubial, Minas, Uruguai. Grande Prêmio Internacional.

Concurs Internacional de Gravat, Premi El Caliu, Institut de Cultura de la Ciutat d'Olot, Olot, Província de Girona, Espanha.

IV Triennial Havirov, Havirov, República Checa.

V International Mini-Print Biennial Cluj-Napoca, National Art Museum Cluj-Napoca, Cluj-Napoca, Romênia.

68th Annual Exhibition of the Society of Wood Engravers, Bankside Gallery, Home of the Royal Watercolour Society and the Royal Society of Painter - Printmakers, Londres, Inglaterra.

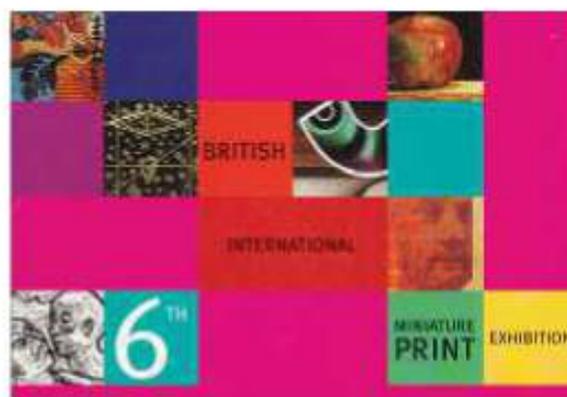
Premio Acqui: VII Biennale Internazionale per l'Incisione, Acqui Terme, Alessandria, Itália.

XI International Biennale of Small Graphics and Exlibris, Muzeum Miasta Ostrowa Wielkopolskiego, Ostrów Wielkopolski, Polônia. Menção Honrosa.

12th International Triennial of Small



2005



2006

Graphic Forms, City Art Gallery, Łódź, Polônia.

XIIème Biennale Internationale de la Gravure et des Nouvelles Images de Sarcelles – Val de France, Espace Champ de Foire, Sarcelles, França.

18º Premio de Grabado Máximo Ramos, Centro Torrente Ballester, Ferrol, Espanha.

Third International Biennial of Mini Prints, Museum of Tetovo, Tetovo, Macedônia.

11th International Biennial of Small Graphics and Ex Libris – Ostrow Wielkopolski, Ostrow Wielkopolski, Polônia.

2006

15º Encontro de Artes Plásticas de Atibaia, SP. Prêmio Aquisição.

8ª Bienal do Recôncavo, Centro Cultural Dannemann, São Félix, BA, Menção Honrosa.

Salão de Artes Visuais Vinhedo 2006, Centro de Exposições do Espaço Cultural de Vinhedo, Vinhedo, SP. Menção Especial do Juri.

5º Salão Artes Visuais de Jataí - GO, Museu de Arte Contemporânea, Jataí, GO.

3º Salão Oficial de Arte de Caraguatatuba, Saguão do Teatro Mário Covas, Caraguatatuba, SP. Terceiro Prêmio.

The Fourth International Biennial Miniature Print Exhibition (BIMPE IV), Federation Gallery, Dundarave Print Workshop Gallery, Vancouver, Canadá.

7th Bharat Bhavan International Biennial

of Print Art, ROOPANKAR Museum of Fine Arts, Bharat Bhavan, India.

69th Annual Exhibition of the Society of Wood Engravers, Bankside Gallery, Home of the Royal Watercolour Society and the Royal Society of Painter - Printmakers, Londres, Inglaterra.

12th International Biennial Print and Drawing Exhibition, National Taiwan Museum of Fine Arts, Taichung, Taiwan.

6th British International Miniature Print Exhibition, Gracefield Arts Centre, Dumfries, Inglaterra.

5th Egyptian International Print Triennale, The Palace of Arts in Gezira, Centre of Arts in Gezira, Art Gallery of the Cairo Opera House, The Museum of Fine Arts in Alexandria, Cairo e Alexandria, Egito.

International Small Engraving Salon Carunari 2006, Florean Museum, Maramures, Romênia.

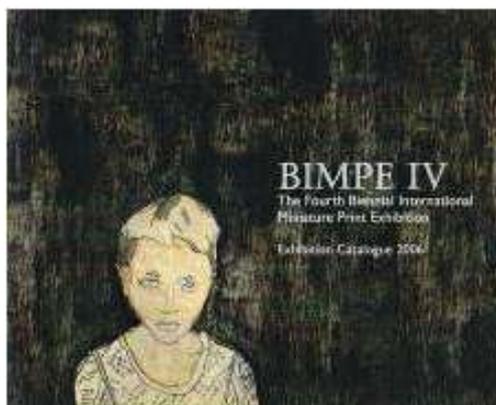
Trienal Iberoamericana de Grabado em Pequeno Formato, Museo de Artes Plásticas Eduardo Sívori, Buenos Aires, Argentina.

2007

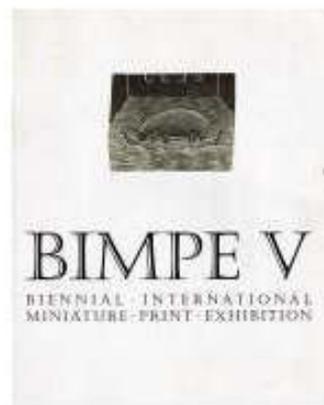
4ª Bienal de Gravura de Santo André, Sala de Exposições do Paço Municipal, Santo André, SP. Prêmio Vila de Paranapiacaba.

3ª Bienal Nacional de Gravura Olho Latino, Museu Olho Latino, Atibaia, SP. Prêmio Atelier de Gravura Glatt & Imagos.

Autorretrato: reconstrução de artista, Espaço Cultural Pés no Chão, Ilhabela, SP.



2006



2008

17º Encontro de Artes Plásticas de Atibaia, Centro de Convenções e Eventos Victor Brecheret, Atibaia, SP.

Contemporary Brazilian Printmakers, Steuben West Gallery, Pratt Institute, Nova York, Estados Unidos.

El Caliu - Concurs Internacional de Gravat, Olot, Província de Girona, Espanha.

12th International Biennial of Small Graphic Forms and Ex-Libris, Muzeum Miasta Ostrowa Wielkopolskiego, Ostrów Wielkopolski, Polônia.

L'Arte e il Torchio / Art and the Printings Press, Museo Civico, Cremona, Itália.

XIX Premio de Grabado Maximo Ramos, Ferrol, Espanha.

5º Festival Internacional de Gravura, Teoartis Galeria, Évora, Portugal.

70th Annual Exhibition of the Society of Wood Engravers, Bankside Gallery, Home of the Royal Watercolour Society and the Royal Society of Painter - Printmakers, Londres, Inglaterra.

Busan International Print Art Festival, City Hall of the Busan Metropolitan City, Busan, Coreia do Sul.

Ural Triennial, Ufa Art Gallery, Ufa, Russia.

2008

9ª Bienal do Recôncavo, Centro Cultural Dannemann, São Félix, BA

BIMPE V - The Fifth International Biennial Miniature Print Exhibition, Federation Gallery, Dundarave Print Workshop Gallery, Vancouver, Canadá. Menção

Honrosa.

Grabadores Brasileños Contemporáneos, Fundación Sebastian, Ciudad de Mexico, México.

Grabadores Brasileños Contemporáneos, Museo de Arte de Ciudad Juárez, México. 9º Salão Elke Hering, Museu de Arte de Blumenau, SC.

4ª Muestra Internacional de Miniprint, Bolsa de Comercio de Rosario "Espacio de Arte", Rosario, Argentina.

Concurs Internacional de Gravat, Premi El Caliu, Institut de Cultura de la Ciutat d'Olot, Olot, Província de Giron, Espanha.

The Americas Biennial Exhibition of Contemporary Prints, University of Iowa, Iowa City, Estados Unidos.

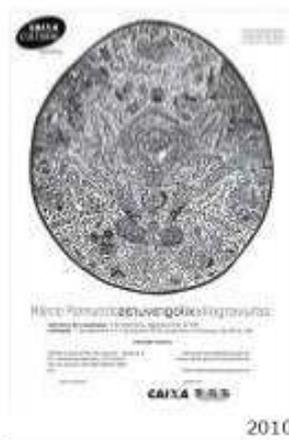
2009

Márcio Pannunzio Xilogravuras, exposição individual, Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba, Caraguatatuba, SP.

Márcio Pannunzio Xilogravuras, exposição individual, Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, Museu Olho Latino, Centro de Convenções e Eventos Victor Brecheret, Atibaia, SP.

Márcio Pannunzio Xilogravuras, exposição individual, Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, Casa da Xilogravura, Campos do Jordão, SP.

International Miniature Print Exhibition, Connecticut Graphic Arts Center, Connecticut, Estados Unidos. Menção Honrosa.



2010



2011



2011

L'Arte e il Torchio / Maestros del Grabado Latinoamericano, Centro Culturale Santa Maria della Pietà, Cremona, Itália.
 The 2nd Bangkok Triennale International Print and Drawing Exhibition, Bangkok Art and Culture Centre, Bangkok, Tailândia.
 The "Iosif Iser" International Contemporary Engraving Biennial Exhibition, Art Museum of Prahova County, Ploiesti, Romênia.
 15th International Print Biennial, Graphic Gallery, Varna, Bulgária.
 6º Festival de Gravura de Évora Bienal Internacional, Teoartis, Évora, Portugal.
 XIII International Biennial of Small Graphic Forms and Exlibris Ostrów Wielkopolski 2009, Muzeum Miasta Ostrowa Wielkopolskiego, Ostrów Wielkopolski, Polónia.

2010

Márcio Pannunzio Xilogravuras, exposição individual, Galeria 2 da Caixa Cultural do Rio de Janeiro, RJ.
 Márcio Pannunzio Xilogravuras, exposição individual, Ateliê Mineiro / Casa 322, Pouso Alegre, MG.
 9º Salão Elke Hering, Museu de Arte de Blumenau, Blumenau, SC.
 27º Salão de Artes Plásticas - Anuário Embu das Artes, Centro Cultural Mestre Assis, Embu das Artes, SP. Segundo Prêmio.
 10º Salão de Artes de Itajaí, Fundação Cultural, Itajaí, SC. Menção Especial do Juri.
 Salão de Arte de Mato Grosso do Sul,

Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS.
 13º Salão Municipal de Artes Plásticas de João Pessoa, Fundação Cultural de João Pessoa, João Pessoa, PB.
 1ª Bienal da Gravura Lívio Abramo, Casa da Cultura Luiz Antonio Martinez Corrêa, Araraquara, SP.
 The Americas Biennial Exhibition of Contemporary Prints, University of Iowa, Iowa City, Estados Unidos.

2011

Márcio Pannunzio Gravuras, exposição individual, Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura e Turismo, São Sebastião, SP.
 Márcio Pannunzio Gravuras, exposição individual, Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura, Ilhabela, SP.
 Márcio Pannunzio Gravuras, exposição individual, Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, Centro Cultural Patrícia Galvão, Galeria Braz Cubas, Santos, SP.
 5ª Bienal Nacional de Gravura Olho Latino, Atibaia, SP. Menção Especial do Juri.
 Diálogos: um olhar sobre a Escola de Xilogravura do Horto, Museu Florestal Octavio Vecchi, São Paulo, SP.
 Bienal Internacional de Gravura de Santos 2011, Pinacoteca Benedicto Calixto, Santos, SP.
 21º Encontro de Artes Plásticas de



2012



2012



2014

Atibaia, Centro de Convenções e Eventos Victor Brecheret, Atibaia, SP.
The 8th Kochi International Triennial Exhibition of Prints, Ino-cho Paper Museum, Ino-cho Kochi-ken, Japão.

2012

Márcio Pannunzio – Xilografias de Topo, exposição individual, Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, Museu de Antropologia do Vale do Paraíba, Jacareí, SP.

Márcio Pannunzio – Xilografias de Topo, exposição individual, Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, Espaço das Artes Helena Calil, São José dos Campos, SP.

Márcio Pannunzio – Xilografias de Topo exposição individual, Sobradão do Porto, Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, Ubatuba, SP.

Márcio Pannunzio Xilogravuras, exposição individual, Caixa Cultural São Paulo, São Paulo, SP.

6ª Bienal do Esquisito: A face oculta de um acéfalo, Museu Olho Latino, Atibaia, SP. Prêmio Aquisição.

11ª Bienal do Recôncavo, Centro Cultural Dannemann, São Félix, BA. Prêmio Aquisição.

Diálogos – Exposição de Estampas, Galeria Gravura Brasileira, São Paulo, SP.

2ª Bienal da Gravura Lívio Abramo, Casa da Cultura Luiz Antonio Martinez Corrêa, Araraquara, SP.

2013

SP Estampa 2013, Interseções, em conjunto com Ana Alice Francisquetti, Galeria Virgilio, São Paulo, SP.

International Graphic Art Exhibition, Art Museum Cluj-Napoca, Cluj-Napoca, Romênia.

Desenhos Impertinentes & Pequena Pintura, exposição individual no Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba, Caraguatatuba, SP.

Desenhos Impertinentes & Pequena Pintura, exposição individual na Fundação Arte e Cultura de Ilhabela, Ilhabela, SP.

2014

Vi(VER) diálogo gráfico; ciclo de exposições, oficinas e workshops, ProAC; Galeria Nilton Zanotti, Palácio das Artes, Praia Grande, SP; Salão de Exposições do Centro Municipal de Educação Adamastor, Guarulhos, SP; Museu Histórico e Cultural, Jundiaí, SP; Casa de Cultura Paulo Setúbal, Tatuí, SP; Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba, SP; Graphias Casa da Gravura, São Paulo, SP; Museu de Arte Contemporânea, Botucatu, SP. Livraria de Artistas, SP Estampa, São Paulo, SP.

2015

Congada em Foco – fotografias de Márcio Pannunzio, exposição individual na Fundação Arte e Cultura de Ilhabela, Ilhabela, SP.

38º Salão de Artes Plásticas Waldemar Belisário, Fundação Arte e Cultura de



Congada em Tela
 fotografias de Márcio Pannunzio
 Centro Cultural da Vila
 Nova Ilhabela, SP, Centro, Ilhabela, SP
 de 23 de maio a 2 de junho de 2019
 dias e horário: de 9h às 12h
 de 14h às 17h
 ingresso: em cartaz
 gratuito - acobertado
 free art de algodão e
 algodão com gravuras
 de Márcio Pannunzio e
 Congada de Ilhabela
 com todo o seu respeito.
 www.ihabela.org.br/congada-em-tela



2019



artes menores em tempo indigente
 gravuras de Márcio Pannunzio

FUNDACI
 Fundação Arte e Cultura de Ilhabela
 Rua Dr. Carvalho, 50, Centro, Ilhabela, SP
 de 20 de dezembro de 2019
 a 5 de janeiro de 2020
 segunda a sexta das 9h às 12h
 sábado e domingo das 14h às 17h
 www.ihabela.org.br/arte-menores

à convite de: Acervo gráfico, Associação Parque Pannunzio
 Ilhabela e Ilhabela, 2020

realização:



2020

Ilhabela, Ilhabela, SP. Prêmio Waldemar Belisário.

2016

4ª Bienal de Gravura Lívio Abramo, Teatro Municipal Prefeito Clodoaldo Medina, Araraquara, SP.

39º Salão de Artes Plásticas Waldemar Belisário, Fundação de Arte e Cultura de Ilhabela, SP. Medalha de Prata na categoria gravura.

2017

40º Salão de Artes Plásticas Waldemar Belisário, Fundação de Arte e Cultura de Ilhabela, Ilhabela, SP. Medalha de Ouro e Medalha de Prata na categoria desenho e Medalha de Prata na categoria gravura.

2018

Graphias Quinze Anos, Graphias Casa da Gravura, São Paulo, SP.

41º Salão de Artes Plásticas Waldemar Belisário, Fundação de Arte e Cultura de Ilhabela, Ilhabela, SP. Prêmio Aquisição.

2019

Congada em Tela: fotografias de Márcio Pannunzio, exposição individual na Fundação Arte e Cultura de Ilhabela, SP.

42º Salão de Artes Plásticas Waldemar Belisário, Fundação de Arte e Cultura de Ilhabela, Ilhabela, SP. Medalha de Ouro na categoria desenho.

Museu Florestal, uma inspiração, Museu Florestal "Octávio Vecchi", São Paulo, SP. 5ª Bienal Internacional da Gravura Lívio

Abramo, Casa da Cultura Luís Antonio Martinez Corrêa e Shopping Jaraguá Araraquara Araraquara, SP.

Artes Menores em Tempo Indigente, exposição individual no Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba, Caraguatatuba, SP.

Artes Menores em Tempo Indigente, exposição individual na Galeria de Arte Fernanda Perracini Milani, Jundiáí, SP.

Artes Menores em Tempo Indigente, exposição individual na Fundação Arte e Cultura de Ilhabela, Ilhabela, SP.

2020

Entre Acervos, Galeria de Artes Antonio Sibasoliy, Anápolis, GO.

2021

43º Salão de Artes Plásticas Waldemar Belisário, Centro Cultural da Vila, Ilhabela, SP. Medalha de Prata na categoria desenho.

2022

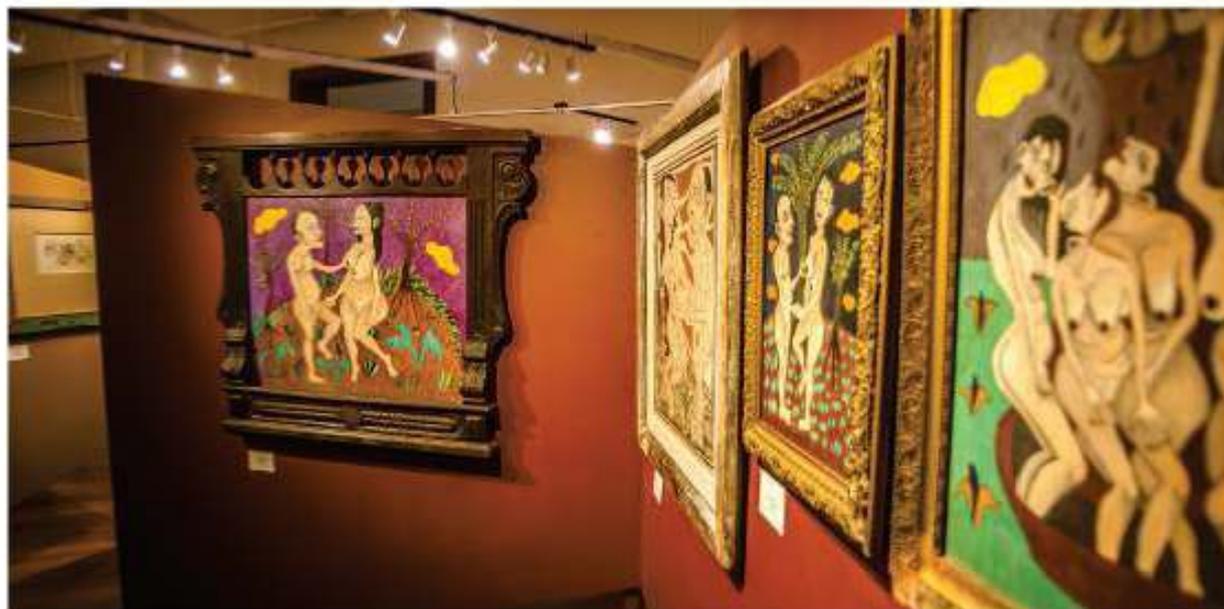
44º Salão de Artes Plásticas Waldemar Belisário, Centro Cultural da Vila, Ilhabela, SP. Medalha de Prata na categoria desenho.

Márcio Pannunzio & Zé Paulo, Centro Cultural da Vila, Ilhabela, SP.

2023

Márcio Pannunzio - Quatro Décadas, Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba, Caraguatatuba, SP.

Aspectos da exposição



Bibliografia

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1ª ed., 1996.

CUTER, Joao Vergílio Gallerani *A Intimidade aprisionada*. In Catálogo da exposição Márcio Pannunzio – Xilogravuras, Caixa Cultural São Paulo, 2012, p. 18-28.

HIRSZMAN, Maria. *Um elogio da arte de gravar*. O Estado de S. Paulo, Caderno 2, p. D2, São Paulo, 14.02.2004.

KLEIN, Paulo. *Jóias de Pannunzio*. In Catálogo da exposição Márcio Pannunzio – Xilogravuras, Caixa Cultural São Paulo, 2012, p. 50-51.

_____. *Pérolas negras*. In Catálogo da exposição Márcio Pannunzio – Xilogravuras, Caixa Cultural São Paulo, 2012, p. 52-53.

MARINGELLI, Francisco José. Depoimento ao autor, em 28.02.2023.

MARQUES-SAMYN, Henrique. *Uma arte sem falsas promessas*. In Catálogo da exposição Márcio Pannunzio – Xilogravuras, Caixa Cultural São Paulo, 2010, p. 68-73.

PANNUNZIO, Márcio. Depoimento. In Catálogo da exposição Márcio Pannunzio – Xilogravuras, Caixa Cultural São Paulo, 2010, p. 6-9.

_____. Entrevistas ao autor, em 29.11.2022, 28.12.2022, 28.01.2023, 18.02.2023, 26.02.2023 e 11.03.2023.

_____. Site oficial do artista. Disponível em: <https://marciopan.com>
Acesso em 20.12.2022.

PANNUNZIO, Tana. Enrevista ao autor, em 12.02.2023.

SANS, Paulo Cheida. *A promiscuidade pueril de Márcio Pannunzio*. In Catálogo da exposição Márcio Pannunzio – Xilogravuras, Caixa Cultural São Paulo, 2012, p. 82-85. Acesso em 22.12.2022.

SILVA, Pedro Arcanjo da. *Bienal do Recôncavo: aspectos de uma intervenção contemporânea*. Dissertação de mestrado apresentada dentro do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br> > handl
Acesso em 22.12.2022.

Créditos

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Tarcísio de Freitas

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA
CRIATIVA
Marília Marton

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL E CULTURAL
DE CARAGUATATUBA - FUNDACC
Maria Luiza Baracat

MUSEU DE ARTE E CULTURA DE CARA-
GUATATUBA
Polo Cultural Prof^a Adaly Coelho Passos
Equipe técnica do MACC

ARTISTA PLÁSTICO E FOTÓGAFO
Márcio Pannunzio

CURADORIA E TEXTOS
Enock Sacramento

COORDENAÇÃO GERAL
Cláudia Lopes

PRODUÇÃO EXECUTIVA
José Rivas Lopes

DESIGN GRÁFICO
Márcio Pannunzio, QSP e Rafael Amaral

COORDENAÇÃO DE ACERVO
Tana Adélia Lopes Pannunzio

COORDENAÇÃO DE MONTAGEM ACERVO
Hiro Kai

CENOTÉCNICA E PINTURA
Leandro da Silva

MONTAGEM E ILUMINAÇÃO
Luciano Oze

MONTAGEM E PINTURA
Benedito Aparecido de Araújo e Marcos
Batista Coelho

ILUMINAÇÃO
Cristian Rocha de Souza

FOTOGRAFIAS DAS OBRAS E DA
EXPOSIÇÃO
Márcio Pannunzio

ELETROTÉCNICA
Ivan Pereira Fernandes

COMUNICAÇÃO VISUAL E PLOTAGENS
Diferente Marketing

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Aline Borba

IMPRESSÃO
Input Comunicação Gráfica

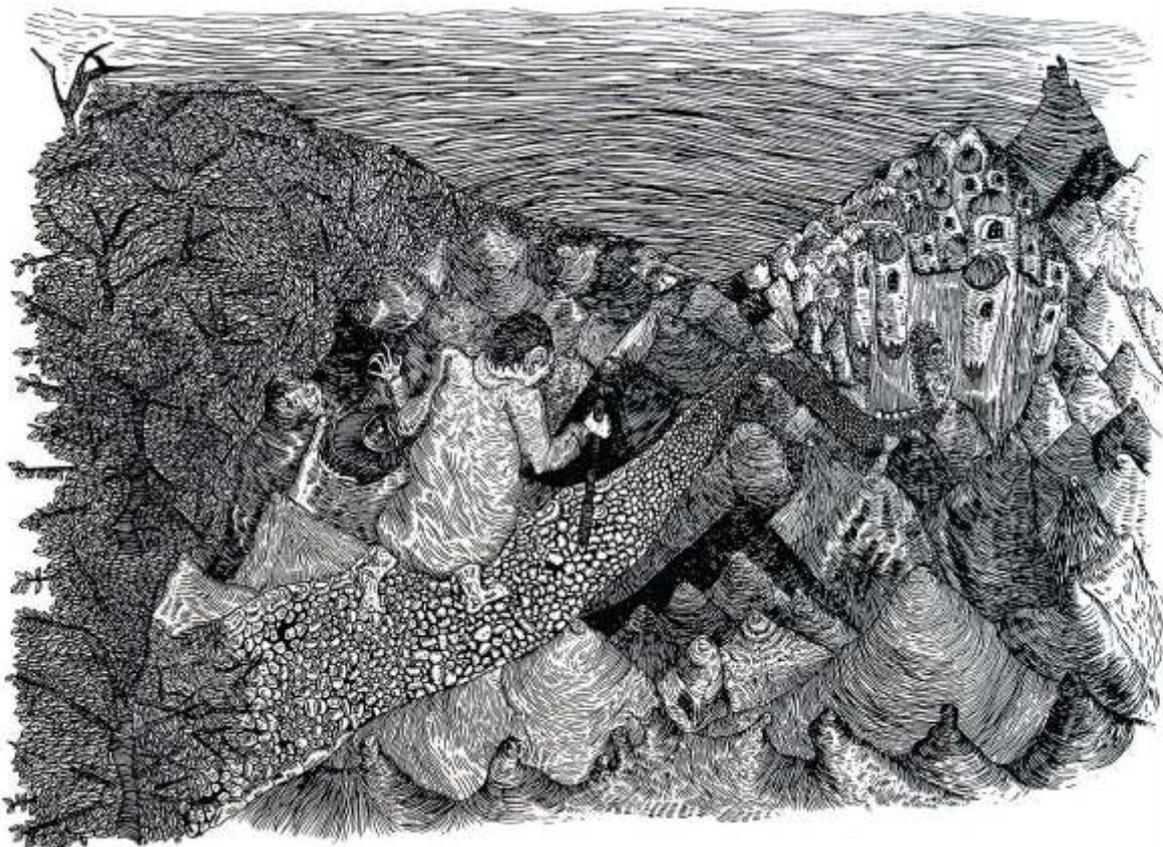
SITE
www.quatrodecadas.com
Márcio Pannunzio

ISBN: 978-65-00-68418-6

CDL



9 786500 684186



O filho pródigo à casa torna, desenho a nanquim, bico de pena, 29 x 42 cm, década 1980

Apoio



Realização

Secretaria de  **SÃO PAULO**
Cultura e Economia Criativa GOVERNO DO ESTADO